

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

JÔNATAS CÂMARA

A EVANGELIZAÇÃO NA IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLEIA DE DEUS

São Leopoldo

2016

JÔNATAS CÂMARA

A EVANGELIZAÇÃO NA IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLEIA DE DEUS

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Ética e Gestão

Orientador: Prof. Dr. Oneide Bobsin

São Leopoldo

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C172e Câmara, Jônatas
A evangelização na Igreja Evangélica Assembleia de Deus / Jônatas Câmara ; orientador Oneide Bobsin. – São Leopoldo : EST/PPG, 2016.
69 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2016.

1. Assembleia de Deus – Amazonas. 2. Pentecostalismo – Brasil. 3. Ética – aspectos religiosos. I. Bobsin, Oneide. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

JÔNATAS CÂMARA

A EVANGELIZAÇÃO NA IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLEIA DE DEUS

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Ética e Gestão

Data:

Prof. Dr. Oneide Bobsin

Prof. Dr. Júlio César Adam

Dedico à minha esposa, meus filhos e netos.

AGRADECIMENTOS

A lista é grande. Nominar a todos significa a possibilidade de cometer injustiças, dada a falibilidade da mente humana. Assim, agradeço a todos os irmãos e irmãs.

À família Assembleia de Deus.

À família Boas Novas, no Amazonas.

À família Faculdades EST, na pessoa do orientador Dr. Oneide Bobsin.

À família Câmara.

A Deus, Senhor Supremo, nosso Pai!

A realização deste trabalho foi possível pela graça de Deus e de todas essas famílias.

RESUMO

O tema da presente dissertação é a evangelização na Igreja Evangélica Assembleia de Deus. A partir da sua história no Brasil, analisa como se dá a evangelização desde a sua origem. Através do estudo bibliográfico e com a apresentação da evangelização na Assembleia de Deus no Amazonas, reflete sobre a evangelização e suas transformações impostas pelas mutações da sociedade. As tradições permanecem incorporadas na Assembleia de Deus – até porque são elas que a caracterizam como Assembleia de Deus – mas há uma utilização das ferramentas oferecidas pela modernidade para a evangelização, seja para alcançar os crentes no lugar em que se encontram, seja para entender as novas linguagens e assim poder se comunicar. Há a necessidade de se adequar às mudanças, no sentido de compreender as novas linguagens e formas de comunicação, mas sem perder a essência da mensagem cristã. Por fim, destaca-se a responsabilidade ética cristã na ação evangelizadora para com os seus crentes e nas relações multiculturais.

Palavras-chave: Evangelização. Assembleia de Deus. Ética.

ABSTRACT

The theme of this thesis is evangelization in the Assembly of God Evangelical Church. Based on its history in Brazil, it analyzes how the evangelization took place since its origins. Through bibliographic study and with the presentation of the evangelization in the Assembly of God in the Amazon, it reflects on evangelization and its transformation imposed by the mutations of society. The traditions remain incorporated in the Assembly of God – since they are what characterize it as Assembly of God – but there is a utilization of tools offered by modernity for evangelization, be they for reaching the believers in the places where they are, be they to understand the new languages and thus be able to communicate. There is a need to adapt to the changes in the sense of understanding the new languages and ways of communication but without losing the essence of the Christian message. Finally, one highlights the Christian ethical responsibility in the evangelizing action with regard to its believers and in the multicultural relations.

Keywords: Evangelization. Assembly of God. Ethics.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 AS RAÍZES DO EVANGELISMO NA ASSEMBLEIA DE DEUS: QUANDO E COMO TUDO COMEÇOU	13
1.1 A ASSEMBLEIA DE DEUS NO BRASIL	13
1.2 O INÍCIO DA EVANGELIZAÇÃO	16
1.2.1 Daniel Berg e Gunnar Vingren	16
1.2.2 João Paulo Kolenda	20
1.3 A IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLEIA DE DEUS NO AMAZONAS – IEADAM	22
1.4 UM POUCO DA HISTÓRIA E ORGANIZAÇÃO DA IEADAM	24
2 EVANGELIZAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE: NOVOS DESAFIOS?	31
2.1 EVANGELIZAÇÃO: CONCEITUAÇÃO E CONCEPÇÕES	31
2.2 EVANGELIZAÇÃO NA ASSEMBLEIA DE DEUS	36
2.2.1 A oralidade	36
2.2.2 O processo de expansão	40
3 EVANGELIZAÇÃO E ÉTICA	47
3.1 GLOBALIZAÇÃO: DESAFIOS DA EVANGELIZAÇÃO	47
3.2 O SAGRADO ENTRE A GLOBALIZAÇÃO E A ÉTICA	52
3.3 ÉTICA: FAZER O CERTO PELO MOTIVO CERTO	56
CONCLUSÃO	63
REFERÊNCIAS	65

INTRODUÇÃO

A contemporaneidade é caracterizada pela liquidez da sociedade como um todo, nas relações entre as pessoas, nos valores e mesmo nas crenças. É o que Zygmunt Bauman¹ chama de sociedade líquida. Defende o autor que a fragilidade e a condição eternamente provisória do ser humano não podem mais ser ocultadas.

Nesse contexto, de fragilidade, incertezas, carências e de (por que não?) crises de identidade, como a Igreja cristã se posiciona a respeito? Como o Evangelho pode atuar diante da “liquidez” atual?

Em meio a uma multiplicidade de crenças e religiosidade, ser Igreja e viver o Evangelho na contemporaneidade surge, conseqüentemente, também com diversas facetas. A pluralidade religiosa, a interpretação do Evangelho de acordo com interesses que não cristãos, a falta de ética cristã, tornam necessários sempre de novo trazer à tona o debate acerca do ser Igreja e da Evangelização genuína.

Assim como sempre lemos e releemos os Evangelhos para manter viva a Palavra de Deus, há que sempre manter vivo o debate acerca da ética cristã nas Igrejas e na propagação do Evangelho. A Assembleia de Deus tem também essa preocupação em vista do grande número dos seus fiéis sedentos pela Palavra de Deus.

O tema da presente dissertação é a evangelização na Igreja Evangélica Assembleia de Deus. A Igreja e sua proposta de vida em comunidade, com o Evangelho como fundamento, surgem como alimento da vida em tempos de crises.

A leitura e a interpretação dos Evangelhos aparecem, muitas vezes, como forma de legitimar uma ideia pré-concebida. Ou seja, a vivência se dá a partir de fora do Evangelho na busca de uma fundamentação dentro do Evangelho. Este é, por sua vez, um modo de ser Igreja. Em outras palavras, uma Igreja que surge também não a partir do Evangelho, mas de fora e que busca também legitimar sua existência nas Boas Novas.

Porém, tais necessidades carregam consigo uma responsabilidade ética no tratamento do assunto em questão uma vez que se trata da Palavra de Deus que está sendo proclamada para os fiéis. Nesse sentido, ser Igreja e viver o Evangelho

¹ BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2001.

pressupõe o agir ético da Igreja e dos seus ministros na condução da comunidade eclesial.

Tratar de um assunto de suma importância, que diz respeito à vida do ser humano num caráter mais individual e espiritualista, por um lado, e por outro, coletivo, na sua relação com a sociedade se torna imperativo na sociedade atual. Em meio a uma sociedade plural, multiconfessional, atribulada com os novos parâmetros neoliberais e globalizantes, nos quais a individualização e a libido são cada vez mais incentivadas em prol de uma sociedade de consumo, debater sobre o que é ser Igreja se torna imperativo.

Contextualizar a Igreja Evangélica Assembleia de Deus nessa pluralidade é, também, dar voz e vez a uma vivência cristã que tem muito a contribuir. Enfim, tal discussão se dá tanto em relação àqueles que conduzem a Igreja, como em relação à proclamação do Evangelho. Tanto a condução como a proclamação requerem uma atuação ética, de acordo com os preceitos cristãos.

Desta forma, destaca-se no primeiro capítulo a história da Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Brasil, a partir dos fundadores, cuja missão era a evangelização. Destaca-se o trabalho de evangelização na Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Amazonas (IEADAM) como estudo motivador a partir dos meios utilizados para a práxis evangelizadora.

No segundo capítulo reflete-se sobre a evangelização na contemporaneidade, a partir de conceitos do termo e de concepções acerca do mesmo por parte de igrejas cristãs. Enfoca-se, também, a concepção de evangelização da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, baseada na propagação das Boas Novas com auxílio do batismo com o Espírito Santo.

Por fim, destaca-se a evangelização, a práxis da evangelização, considerando os aspectos culturais, as ferramentas tecnológicas e a missão evangelizadora, numa reflexão a partir da ética, enfocando os princípios da Igreja Evangélica Assembleia de Deus. Em meio a uma pluralidade de ofertas, fundamentos éticos são fundamentais para uma evangelização autêntica de acordo com os preceitos cristãos.

A base teórica são as referências bibliográficas que enfocam as reflexões acerca do “ser Igreja”, do evangelismo e da ética cristã para com a proclamação e a

vivência do Evangelho, bem como em relação da Igreja enquanto instituição que orienta seus fiéis.

A fonte primeira para a pesquisa é a própria Sagrada Escritura, seja para a definição do que vem a ser Igreja, como para a vivência e a proclamação ética do evangelho. A Carta de Paulo aos Efésios, por exemplo, vem contribuir para o entendimento do que vem a ser a Igreja com três figuras representativas: a do corpo, da qual Cristo como é a cabeça (1:22-23); a de um edifício, do qual é a pedra fundamental (2:20-21); e a de um casal, sendo a Igreja a esposa e Cristo o marido (5:25-32).

No que tange à ética, articular sobre ela é uma tarefa desafiadora na contemporaneidade, uma vez que os valores e os costumes têm se transformado e mudado constantemente, assim como no que diz respeito à ética em meio ao pluralismo religioso.

A pesquisa tem, por um lado, caráter bibliográfico a partir da análise e síntese de obras pertinentes ao tema. Por outro, a pesquisa apresenta a prática da evangelização na Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Amazonas e os meios utilizados. Minayo² aponta a fase exploratória como sendo um dos momentos mais importantes, ou seja, nela é possível definir tanto o foco principal do trabalho, quanto à construção do projeto que se deseja investigar.

² MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

1 AS RAÍZES DO EVANGELISMO NA ASSEMBLEIA DE DEUS: QUANDO E COMO TUDO COMEÇOU

A evangelização é uma marca da Assembleia de Deus. A pregação da Palavra sempre foi o objetivo com o intuito de revelar ao mundo a morte de Jesus Cristo na cruz como salvação dos pecados.

Na verdade, este é o objetivo das igrejas cristãs. A Assembleia de Deus, particularmente, carrega consigo o batizado com o Espírito Santo. “Os historiadores que se ocupam do Avivamento Pentecostal [...] são unânimes em mencionar Azusa Street, em Los Angeles, Califórnia, em 1906, como o centro irradiador de onde o Avivamento se espalhou [...]”³ A origem, no entanto, é metodista, uma vez que a mensagem Pentecostal teria sido levada por uma senhora metodista de Huston.

A fim de compreender como tudo começou no Brasil, o presente capítulo destaca, inicialmente, com dados gerais, como se encontra a Assembleia de Deus no Brasil, para em seguida destacar os missionários Daniel Berg e Gunnar Vingren, os desbravadores, além de Joao Paulo Kolenda, chave para a formação na Assembleia de Deus. Finaliza o capítulo uma breve apresentação da Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Amazonas – IEADAM –, suas origens e seu contexto atual.

1.1 A ASSEMBLEIA DE DEUS NO BRASIL

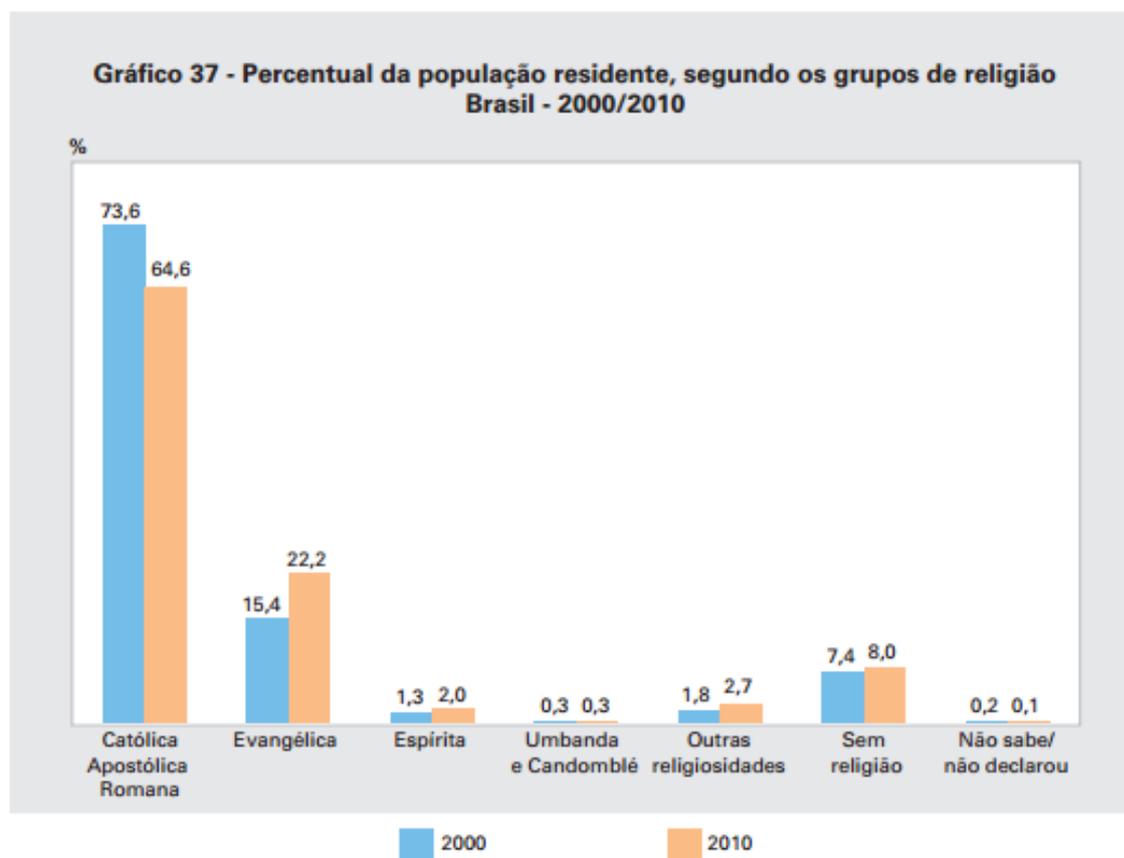
A Igreja Evangélica Assembleia de Deus já é centenária. Não apenas resistiu à história em meio à proliferação de crenças, mas criou profundas raízes e hoje é a maior igreja evangélica do Brasil. Conforme o Censo de 2010. São mais de doze milhões de seguidores no Brasil, cinco milhões a mais do que a soma das igrejas evangélicas de missão.⁴

³ CONDE, Emílio. *História das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 1960. p. 11.

⁴ IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010, p. 143.

O Censo de 2010 apresenta um crescimento das religiões⁵ em geral em detrimento de uma queda de 9% da católica Apostólica Romana, conforme mostra a figura abaixo.

Figura 1 – Crescimento das religiões no Brasil



Fonte: IBGE, 2010, p. 91

Os dados apresentados pelo Censo de 2010 vêm com a ressalva de que no caso do aumento do segmento da população evangélica, há uma resposta, por vezes, abrangente, “[...] se dá não se declarando, [...], como de missão ou de origem pentecostal.”⁶ No caso específico para análise dos dados, a Igreja Evangélica Assembleia de Deus está, segundo classificação do IBGE, na relação das Igrejas Evangélicas de origem pentecostal, juntamente com: Congregação Cristã do Brasil, Igreja O Brasil para Cristo, Igreja Evangelho Quadrangular, Igreja Universal do Reino

⁵ O Censo ressalva que: “Pesquisou-se a religião professada pela pessoa. Aquela que não professava qualquer religião foi classificada como sem religião. A criança que não tinha condição de prestar a informação foi considerada como tendo a religião da mãe.” IBGE, 2010, p. 27.

⁶ IBGE, 2010, p. 92.

de Deus, Igreja Casa da Benção, Igreja Deus é Amor, Igreja Maranata, Igreja Nova Vida, Evangélica Renovada, entre outras menores.⁷

Num quadro mais detalhado, o Censo obteve os seguintes resultados:

Figura 2 – Confissão religiosa até 2010

2010	100,0
Católica Apostólica Romana	64,6
Evangélicas	22,2
Evangélicas de Missão	4,0
Evangélicas de origem pentecostal	13,3
Evangélica não determinada	4,8
Espírita	2,0
Umbanda e Candomblé	0,3
Sem Religião	8,0
Outras religiosidades	2,7
Não sabe/não declarou	0,1

FONTE: adaptado de IBGE, 2010, p. 92.

Aproximando os dados para a região em pesquisa, no caso, Amazonas, constatou o Censo que houve avanço de diversos segmentos evangélicos pentecostais nas Regiões Centro-Oeste e Norte.⁸ Também nessas regiões, com “a crescente urbanização dessas áreas proporcionou uma adequação espacial e cultural para o surgimento de novos grupos religiosos, assim como a disseminação de outros já existentes.”⁹ Apresenta ainda o Censo a idade média da população evangélica pentecostal, de vinte e sete anos, com 91,4% considerados alfabetizados.¹⁰

⁷ IBGE, 2010, p. 163. Enfatiza-se que esta classificação de igrejas pentecostais é do IBGE, uma vez a Igreja Universal do Reino de Deus, entre outras, surgidas 60 anos depois das pentecostais, conforme é mencionado mais adiante.

⁸ IBGE, 2010, p. 93.

⁹ IBGE, 2010, p. 93.

¹⁰ IBGE, 2010, p. 94ss. Como alfabetizados, a pesquisa considerou: “[...] a pessoa capaz de ler e escrever um bilhete simples no idioma que conhecesse. Foi considerada analfabeta a pessoa que

No caso específico da Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Amazonas, o número de membros chega a 300 mil. São mais de 2450 pastores, 1071 campos eclesiais e mais de 3 mil templos, todos filiados e cadastrados na CEADAM, além de mais de 10 mil líderes de células.¹¹

Cabe aqui uma menção sobre a diferenciação entre tradicionais, de missão, pentecostais e neopentecostais. Conforme Martinez, pastor da Igreja Batista (considerada tradicional ou de missão), as tradicionais têm sua origem na reforma protestante ou próximo dela. O grupo das pentecostais

[...] compreende as igrejas que tiveram início no reavivamento nos Estados Unidos entre 1906-1910. As experiências do “batismo no Espírito Santo” levaram os membros que experimentaram essa experiência a serem excluídos de suas antigas igrejas, formando assim outras comunidades que levaram o nome de Assembleias de Deus (não confundir com a denominação brasileira que leva o mesmo nome, enquanto que aquela é um movimento que reuniu várias igrejas que aceitavam a experiência dos dons espirituais no batismo com o Espírito Santo, esta última foi uma denominação fundada em terra brasileira), congregações etc...¹²

Já as neopentecostais são aquelas oriundas do pentecostalismo original ou mesmo das igrejas tradicionais. “Surgiram 60 anos após o movimento pentecostal. Nos Estados Unidos, são chamados de carismáticos sendo que aqui no Brasil essa nomenclatura é reservada exclusivamente para um grupo dentro da igreja Católica que se assemelha aos pentecostais.”¹³

1.2 O INÍCIO DA EVANGELIZAÇÃO

Os próceres da Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Brasil são Daniel Berg, Gunnar Vingren e, com forte atuação na formação, João Paulo Kolenda.

1.2.1 Daniel Berg e Gunnar Vingren

aprendeu a ler e escrever, mas que esqueceu devido a ter passado por um processo de alfabetização que não se consolidou e a que apenas assinava o próprio nome.” IBGE, 2010, p. 28.

¹¹ CARVALHO, Israel da Costa. *Mídias sociais: um espaço para a evangelização utilizado pela Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Amazonas*. Dissertação (de mestrado). 2016. São Leopoldo: Faculdades EST, 2016.

¹² MARTINEZ, João Flávio. *Análise das Igrejas Evangélicas no Brasil*, CACP, Ministério Apologético, São José do Rio Preto, 16 setembro 2013. s/p. Disponível em: <http://www.cacp.org.br/analise-das-igrejas-evangelicas-no-brasil/>. Acesso em 30 ago. 2016.

¹³ MARTINEZ, 2013, s/p.

Em sua obra “Enviado por Deus: memórias de Daniel Berg”¹⁴, Daniel Berg faz um relato de fé, de vida dedicada à evangelização, desde a sua partida na Suécia, em 1902, nos Estados Unidos e, posteriormente, no Brasil. Quando retornou dos Estados Unidos para a Suécia foi visitar um amigo, pregador do Evangelho, com a novidade do batismo com o Espírito Santo: “[...] desejei receber o batismo com o Espírito Santo e orava para que Deus me batizasse.”¹⁵ Retornou aos Estados Unidos e lá encontrou Gunnar Vingren, que disse ter recebido o batismo com o Espírito Santo. Este revelou que sonhara com o nome Pará e, assim, ao pesquisar sobre a origem do nome, acreditaram que se tratava de uma missão no Brasil: “A melhor forma de saber a vontade do Senhor era orar; foi o que fizemos durante uma semana, dia e noite. Finalmente, Deus confirmou que devíamos vir para o Pará.”¹⁶ Relata ainda Berg que Vingren teria ouvido durante um passeio: “Se fores, nada te faltará.”¹⁷

O início da saga ainda reservava outras surpresas: doaram os noventa dólares que tinham para um jornal pentecostal, por ordem da voz do Senhor, segundo Vingren. Era o único dinheiro que possuíam. Porém, no culto de despedida ganharam o suficiente para a viagem. Pouco antes da viagem, no entanto, encontraram um homem, conhecido de Vingren, que estava com um envelope a ser postado para Vingren, também com noventa dólares. Disse o amigo que se tratava de um pedido feito a ele por Jesus. Por fim, houve ainda outra profecia: de que haveria um navio saindo de Nova Iorque para o Brasil em 5 de novembro. Não havia nenhum navio na lista de saída, mas acabou que saiu, sim, um no dia 5 de novembro e não estava na lista porque estava em conserto.¹⁸

É importante destacar a “epopeia” de ambos para a temática da evangelização porque mostra as dificuldades enfrentadas para conseguirem alcançar os seus objetivos; na verdade, evidencia a fé incondicional e o propósito de evangelizar. Ainda no navio, a caminho do Brasil, iniciaram a evangelização. Ao perguntarem a um indivíduo por que estava isolado dos demais, respondeu que não tinha vontade para nada, nem comer. Então, foi perguntado se tinha fé em Deus e

¹⁴ BERG, Daniel. *Enviado por Deus: memórias de Daniel Berg*. Rio de Janeiro: CPAD, 1973.

¹⁵ BERG, 1973, p. 25.

¹⁶ BERG, 1973, p. 28.

¹⁷ BERG, 1973, p. 29.

¹⁸ BERG, 1973, p. 28-31.

respondeu com outra pergunta: quem é Deus, ele pode nos ajudar? Ao que Berg respondeu:

Deus pode e quer ajudá-lo. [...]. Eu e meu companheiro vamos para o Brasil exatamente para dizer a todos que Deus pode e quer salvar aqueles que aceitarem Jesus Cristo. Que Deus cuida de nós, não temos dúvidas; nós somos testemunhas dessas coisas.¹⁹

A evangelização e a fé incondicional são percebidas quando Berg anuncia ao indivíduo isolado que “Deus não quer a sua carteira, quer o seu coração, [...]”²⁰ Também nessa viagem iniciaram os ensinamentos: “Quando lhe pedi para orar, disse-me que nunca antes o fizera. Expliquei-lhe que o Senhor não olha para a beleza das palavras. Então ele começou a orar fervorosamente.”²¹ Até mesmo os contrariados, inicialmente, no navio, ouviram a leitura da Bíblia. Essa contrariedade, no entanto, não desanimou Berg e Vingren: “[...] apesar de lhe haveremos falado insistentemente de Jesus, ele não se converteu, mas tínhamos a certeza de que a semente plantada naquele coração, a seu tempo, daria fruto.”²²

Já no Brasil, sem ter onde ficar e sem dinheiro, procuraram um pastor metodista, cujo nome viram num jornal. Foram acolhidos e moraram no porão da igreja e passaram a dirigir cultos na Igreja Batista. A igreja começou a ter cada vez mais presença; enquanto Vingren estudava português e depois ensinava Berg. Berg trabalhou como fundidor para que pudessem viver.²³

Porém, começaram a ser vistos de forma pejorativa. Oravam de dia e de noite com muita intensidade. “Este fato chamou a atenção de alguns membros da igreja, que passaram a censurá-los e a considera-los fanáticos, por dedicarem tanto tempo à oração.”²⁴ Duas mulheres, Celina Albuquerque e Maria Nazaré, creram nos missionários e permaneceram em casa orando “[...] até que Deus as batizasse com o Espírito Santo, conforme promessa de Atos 2.39.”²⁵

Conde menciona que:

¹⁹ BERG, 1973, p. 34.

²⁰ BERG, 1973, p. 34.

²¹ BERG, 1973, p. 34.

²² BERG, 1973, p. 35.

²³ BERG, 1973, p. 36-40.

²⁴ CONDE, 1960, p. 21.

²⁵ CONDE, 1960, p. 21.

No quinto dia, em uma quinta-feira, à uma hora da manhã de 2 de junho de 1911, [...] em Belém, Celina Albuquerque, enquanto orava, foi batizada com o Espírito Santo. Estava assim confirmada a pregação dos missionários que anunciavam que o Senhor salva e batiza com o Espírito Santo, mas também estava aberta a luta que se travaria contra essa verdade.²⁶

Passou a incomodar, principalmente, ao pastor metodista o batismo com Espírito Santo, algo que aconteceu nos tempos de Jesus, mas que “[...] temos que ser realistas [...] e não ocupar o tempo com sonhos e falsas professoras. Hoje temos a sabedoria para ser usada”,²⁷ disse o pastor. Após tentativas de convencer ao pastor sobre “a verdade do batismo com Espírito Santo e das curas maravilhosas que Jesus pode realizar em nossos dias”²⁸, Berg e Vingren foram convidados a se mudarem. Os que estavam presentes na ocasião ficaram ao seu lado e um deles ofereceu a sala da casa para se abrigarem: “[...] naquela noite nos e muitos que desejavam receber o batismo com o Espírito Santo, reunimo-nos naquela casa, para realizar oficialmente o primeiro culto pentecostal no Brasil.”²⁹

Com o passar dos tempos, folhetos difamatórios passaram a circular na comunidade. Porém, o efeito foi contrário: o salão enchia cada vez mais de pessoas atrás de informações sobre a doutrina do Espírito Santo e o batismo. Chegaram também as Bíblias encomendadas dos Estados Unidos e Berg deixou seu emprego e passou a vendê-las. Fumantes e alcoólatras, a partir do trabalho de Berg e Vingren, passaram a deixar os vícios e entraram para a igreja. E assim o trabalho começou a migrar para outras cidades.³⁰

O trabalho missionário estava muito voltado, também, a pessoas enfermas e seus familiares. Não faziam curas, mas levavam a paz espiritual. Uma mulher, muito enferma e atormentada pela doença (assim como a sua família também estava atormentada com o sofrimento do ente querido), foi visitada por Berg que lhe falou de Jesus. Após conversa de conforto, sugeriu que orassem todos juntos. E assim fizeram. Logo em seguida, a enferma disse não ter mais medo de morrer. Estava mais tranquila, assim como sua família também, e adormeceu em seu quarto.

Quando terminou o jantar, a senhora enferma chamou-me, estendeu-me a mão e perguntou-me se Jesus ainda estava presente no quarto. Expliquei-

²⁶ CONDE, 1960, p. 23.

²⁷ BERG, 1973, p. 43.

²⁸ BERG, 1973, p. 44.

²⁹ BERG, 1973, p. 46.

³⁰ BERG, 1973, p. 47-68.

lhe que estava, e estaria ao seu lado, estivesse ela viva ou morta, uma vez que ela cresse. A enferma olhou-me como quem recebe a certeza de salvação e sente felicidade. [...] Aquela senhora idosa [...] viveu ainda algum tempo; ela usou esse tempo para ganhar almas para o Reino de Deus. Muitos de seus parentes se converteram, e mais tarde estabeleceu-se uma Assembleia de Deus naquele local.³¹

A cura que se deu foi da alma. A formação de uma comunidade da Assembleia de Deus se deu através do testemunho, fruto do trabalho missionário e de evangelização nas primeiras comunidades.

A questão da divindade e veneração de imagens, bem como de pessoas consideradas santas tiveram sempre a mesma resposta: apenas Jesus é o Senhor a ser seguido. “Foi ele e mais ninguém que morreu por nós.”³² Berg, ao ser indagado se era contra a Virgem Maria ou os Santos, respondeu que estes representam seres humanos que foram piedosos, mas sem a santidade de fato de Jesus.

A cada nova Assembleia de Deus aberta, consideravam Berg e Vingren como a vitória do Evangelho.³³ Com isso, enfatiza-se o caráter da evangelização: espalhar a Palavra de Deus e anunciar que Jesus morreu na cruz para libertar a todos dos pecados. Essa pode ser a síntese daquilo que guiou estes dois amigos e evangelizadores, cujo espírito permanece até a contemporaneidade.

1.2.2 João Paulo Kolenda

João Paulo Kolenda veio da Alemanha para o Brasil em 1902, com sua família de origem luterana. Ele é um dos fundadores da Assembleia de Deus no Brasil, sempre sonhou com o evangelismo. Para ele, evangelismo era o estabelecimento de igrejas, a educação e a literatura: “[...] com a ajuda de ensinadores bíblicos brasileiros com dons especiais, empreendeu um programa enorme de estudos bíblicos. Fizeram cursos ou conferências bíblicas intensivas em todas as partes do Brasil.”³⁴

Kolenda foi um dos organizadores da Casa Publicadora das Assembleias de Deus – CPAD. Teve grande atuação pelo Brasil, com destaque para Santa Catarina.

³¹ BERG, 1973, p. 68.

³² BERG, 1973, p. 72.

³³ BERG, 1973, p. 82.

³⁴ BRENDA, Albert W. *Ouvi um recado do céu: biografia de J. P. Kolenda*. Rio de Janeiro: CPAD, 1984. p. 8.

Após a Segunda Guerra Mundial, visitou vários estados brasileiros para angariar fundos para a CPAD. Também retornou à Alemanha para lá estabelecer igrejas.

Já na sua aposentadoria, foi convidado para ir a Belém e lá dirigir o Instituto Bíblico, em 1974. Assim teria respondido:

- O quê? Precisam de mim em Belém, no Brasil, para dirigir o Instituto Bíblico? [...] Irmão, já escutei isso há muitos anos, mas, para mim, não é tão importante que os líderes brasileiros me queiram, nem que meus colegas missionários querem, nem mesmo se os irmãos em Springfield desejam que eu vá. O que é importante para mim é aquilo que o quartel-general no Céu quer que eu faça. Não fique alarmado, porém, pois há dez minutos *minha esposa e eu ouvimos um recado do Céu*, e estamos prontos a fazer a vontade de Deus!³⁵

Relata Kolenda o início dos trabalhos da Assembleia de Deus no Brasil, na Amazônia. Cita as distâncias e o tempo que levavam os pastores e os fiéis para chegarem a Manaus. Menciona que não mediam por quilômetros, mas por horas e dias. Numa Conferência Anual para Pregadores em Manaus, perguntou Kolenga quanto tempo levaram para chegar:

[...] ficou sabendo que alguns tinham viajado durante vinte a trinta dias e noites, e um deles, quarenta dias e noites. Era tão grande assim a estima deles pelos estudos bíblicos na Conferência, visto que nenhum deles tivera oportunidade de receber treinamento num Instituto Bíblico.³⁶

Foi na cidade de Belém “[...] que a mensagem pentecostal foi pregada pela primeira vez [...]”.³⁷ Brenda conta acerca do sonho de Gunnar Vingren com a palavra “Pará.” Teria Vingren indo a uma biblioteca com Daniel Berg e descobriram que se tratava de um estado brasileiro. Disse a Daniel que acreditava estar Deus o chamando para aquele lugar. E assim foram. Chegaram lá em 19 de novembro de 1910.

O irmão Vingren pregava através de um intérprete, e contou-lhes que fora batizado, não somente nas águas por imersão, como bom batista, mas também com o Espírito Santo, conforme o que Jesus disse aos discípulos em Atos 1.5. Gostaram da mensagem ungida, e pediram que lhes contasse mais acerca do assunto. Essas reuniões eram feitas no porão onde residiam. Certa vez o pastor compareceu ali, e deu a eles ordem de mudar, mas já havia 18 pessoas que tinham aceitado a mensagem de um

³⁵ BRENDA, 1984, p. 155.

³⁶ BRENDA, 1984, p. 158.

³⁷ BRENDA, 1984, p. 158.

Evangelho totalmente baseado na Bíblia e estes deixaram a Igreja Batista e foram com os dois missionários.³⁸

Assim foi formada a primeira Igreja das Assembleias de Deus no Brasil. Maraschin³⁹ fez um registro, na década de 1980, sobre imagens da Assembleia de Deus em São Paulo. Destaca a disposição de ter a Bíblia sempre aberta e “o jeito da comunidade de adoradores.”⁴⁰ Menciona ainda a apresentação dos homens com terno e gravata e das mulheres com os cabelos compridos. Mas como bem diz o autor, são olhares particulares de um determinado tempo sem que represente a universalidade. Esse aspecto é importante porque na contemporaneidade se verificam formas diferentes da Assembleia de Deus no Brasil. Há sim uma unidade da igreja, mas com respeito aos contextos diversos brasileiros.

1.3 A IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLEIA DE DEUS NO AMAZONAS – IEADAM

A história da Assembleia de Deus no Brasil é cheia de “semelhanças.” Não coincidências, pois estas acontecem ao acaso. Mas as semelhanças permitem identificar algo comum ao longo dos anos.

1.3.1 Semelhanças?

A epopeia de Berg e Vingren por várias vezes esteve ameaçada, como no início pela falta de dinheiro para a viagem, depois para se estabelecerem no Brasil. Mas sempre, quando parecia que era o fim, surgia a esperança: um valor exato doado para a viagem, um lugar para ficar, e até mesmo a expulsão do porão acabou por levar de fato à criação da Assembleia de Deus. Se, acaso, expulsos não tivessem sido, o eu teria acontecido? Assim, mesmo a tormenta da expulsão acabou por ser benéfica.

Noutro episódio, ainda nos tempos iniciais, com Berg e Vingren, para continuar o trabalho em meio à selva, era necessário um barco. Foi comprado, mas com dívidas ainda a pagar. Berg disse que o Senhor pediu que desse o nome de “Boas Novas.” Numa das visitas às pessoas, quando a dívida estava por ser cobrada

³⁸ BRENDA, 1984, p. 158-159.

³⁹ MARASCHIN, Jaci C. *Imagens da Assembleia de Deus*. São Paulo: Instituto Metodista de Ensino Superior, 1985. (Cadernos de Pós-Graduação / Ciências da Religião no. 4).

⁴⁰ MARASCHIN, 1985, p. 7.

e na iminência da perda do mesmo, os moradores fizeram uma doação e a dívida foi paga. “Agora o barco pertencia a Jesus [...]”⁴¹ Com isso, chega-se a mais uma “coincidência” na história da Assembleia de Deus.

Mas as visões e vozes parecem que não ficaram apenas reservadas a Gunnar Vingren. Em visita à Rede Brasil Norte, em Manaus, em 1992, o sonho começava a se materializar. Na época a televisão era transmissora da Rede Manchete e ocupava o segundo lugar em audiência, tanto nacional quanto local. Samuel Câmara conta que:

Quando das negociações para a compra da RBN (Rede Brasil Norte, que depois se tornou Rede Boas Novas), pertencente ao Grupo Simões, as condições de negociação impostas eram algo bastante desigual, semelhante à luta entre Goliás e Davi. De um lado, o Grupo Simões, um gigante empresarial do Norte. Do outro, a Assembleia de Deus em Manaus, que sequer tinha condições de atender minimamente ao que era exigido. Por exemplo, foi pedida uma garantia de bens, mas bens de igrejas não são aceitos como garantia. Pediram cadastro bancário, mas a Igreja não o possuía. Pediram fiança bancária, mas bancos não davam fiança para a Igreja, que não tinha volume de recursos suficiente.⁴²

Havia intenção do Grupo Simões em vender a emissora. Num acordo foi paga a primeira parcela, mas com uma cláusula que previa que o não pagamento da segunda, com atraso de sessenta dias, invalidaria o acordo e a emissora retornaria ao Grupo Simões, sem devolução do que já fora pago.

No dia 7 de janeiro, as negociações foram concluídas. A quantia estipulada para a compra não só da Rádio AM, mas sim de toda a Rede era um pouco mais de 45 bilhões de Cruzeiros, a ser corrigida, segundo o contrato, pela Tarifa Referencial Diária (TRD), o que correspondia cerca de 3 milhões e 250 mil dólares. No dia 15 de janeiro, foi assinado o contrato de compra, em cuja oportunidade a Assembleia de Deus no Amazonas pagou como sinal a quantia equivalente a 100 mil dólares. O contrato preconizava que, após 60 dias a Assembleia de Deus no Amazonas deveria desembolsar a segunda parcela no valor de 450 mil dólares para efetivamente assumir o controle da Rede de emissoras [...].⁴³

Mas eis a semelhança com os acontecimentos passados. Às vésperas do pagamento da segunda parcela, a Igreja tinha apenas vinte por cento do valor.

⁴¹ BERG, 1973, p. 146.

⁴² CÂMARA, Samuel. Vinte anos depois... *O Liberal*, Belém, 16 de março de 2013, ano 63, n. 33.870, p. 6. Disponível em: <https://oliberaldigital.files.wordpress.com/2013/03/20130316.pdf>. Acesso em 30 jul. 2016.

⁴³ WIKIPÉDIA. *Boas novas*. Wikipédia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Boas_Novas#Desrespeito_aos_direitos_trabalhistas. Acesso em 21 ago. 2016.

Através da iniciativa de um dos membros, a situação mudou. Ele colocou o nome de Jesus na torre e no dia seguinte, “[...] muitos irmãos simples, numa enorme fila, trazendo recursos embrulhados em papéis, em plástico, nas mãos suadas, em sacolas etc. Esse era um sinal latente de que a fé operosa não silencia jamais.”⁴⁴ Na sequência viriam mais “quinze parcelas mensais e sucessivas equivalentes a 180 mil dólares.”⁴⁵ Em 1995 a emissora estava paga.

1.4 UM POUCO DA HISTÓRIA E ORGANIZAÇÃO DA IEADAM

A Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Amazonas (IEADAM) apresenta uma estrutura complexa, com focos na evangelização, na educação, na comunicação e na formação de um cidadão integral, desde a sua fundação, em 1917, com a chegada a Manaus de Severino Moreno de Araújo, vindo de Belém, PA:

Seu trabalho foi grandemente abençoado e rendeu muitos frutos. Porém, sentindo a necessidade de alguém para cuidar do pequeno rebanho, solicitou à igreja em Belém (PA) um pastor. Em resposta a esse pedido, no dia 18 de outubro de 1917, embarcava em Belém, com destino a Manaus, o casal de missionários suecos Samuel e Lina Nystron.⁴⁶

Em primeiro de janeiro de 1918 Samuel Nystron e Lina Nystron fundaram a Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Manaus.⁴⁷ O primeiro batismo, com quinze pessoas, foi nas águas do igarapé Mestre Chico, efetuado por Samuel.

A igreja em Manaus crescia em número e em espiritualidade; pastor e membros desdobravam-se em atividades. Todos testificavam o poder de Deus, enfim, pecadores aceitavam Cristo e eram batizados com o espírito Santo.⁴⁸

Sem um local próprio para se reunir, a doação da irmã Augusta possibilitou construir o templo, inaugurado em 31 de dezembro de 1929, mesmo faltando

⁴⁴ CÂMARA, 2013, p. 6.

⁴⁵ WIKIPÉDIA. *Boas novas*. Wikipédia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Boas_Novas#Desrespeito_aos_direitos_trabalhistas. Acesso em 21 ago. 2016.

⁴⁶ IEADAM. Nossa História. Disponível em: <http://ieadam.com.br/nossa-historia/>. Acesso em 15 jul. 2016. As informações a seguir constam no mesmo site da IEADAM.

⁴⁷ CONDE, 1960, p. 60.

⁴⁸ CONDE, 1960, p. 61 CONDE, 1960, p. 21.

finalizar algumas partes. Foi a primeira Igreja da IEADAM, hospedando a primeira Convenção Regional, realizada de 15 a 22 de novembro de 1936.

Na contemporaneidade, na estrutura da IEADAM está a Convenção Estadual da Assembleia de Deus no Amazonas – CEADAM – uma sociedade civil sem fins lucrativos, com jurisdição em todo território amazonense, cujo objetivo é congregar e congregar quadrienalmente todos os obreiros da IEADAM. Nesta convenção se avalia a eficácia do desenvolvimento evangelístico a cargo da igreja sede e das igrejas vinculadas. Também são traçados planos e diretrizes para exercícios futuros, seja no plano espiritual, no administrativo e no social, além de outras questões que podem ser trazidas à plenária da Convenção Estadual.⁴⁹

Todo o Estado do Amazonas é dividido em Municípios. Nestas áreas há um centro de apoio, onde o pastor deste centro é o coordenador dos seus vizinhos, responsável por acompanhar, apoiar e resolver os problemas que possam ocorrer. Atualmente há 62 Áreas de Coordenação. Além de ser o Centro da Igreja no Amazonas a Convenção tem a finalidade de administrar a parte espiritual e material da Igreja no Estado; autorizando ou consagrando novos obreiros, orientando pastores, definindo metas, administrando a criação de novos campos, mantendo o registro e o cadastro do obreiro, do campo e de todos os acontecimentos que ocorrem nas Igrejas no Estado.⁵⁰

A IEADAM possui mais de 2450 pastores, 1071 campos eclesiásticos e mais de 3 mil templos, todos filiados e cadastrados na CEADAM, além de mais de 10 mil líderes de células, e um número geral de membros da ordem de 300 mil. “Quadrienalmente, esses pastores vêm a Manaus para a Convenção Estadual, onde cada um representa sua Igreja e localidade, nenhum outro evento reúne representantes de mil localidades do Amazonas de uma só vez.”⁵¹ A necessidade da convenção se dá pelo fato de que o Amazonas é imenso e o seu acesso é difícil e demorado.⁵²

No que tange à evangelização, há as Células de Evangelismo e Crescimento – CEC. A inspiração provém do livro dos Atos dos Apóstolos, com a descrição da igreja primitiva ali descrita:

⁴⁹ CEADAM. *Sobre*. Disponível em: <http://ieadam.com.br/ceadam/sobre/>. Acesso em 15 jul. 2016.

⁵⁰ CEADAM. *Sobre*. Disponível em: <http://ieadam.com.br/ceadam/sobre/>. Acesso em 15 jul. 2016.

⁵¹ CEADAM. *Sobre*. Disponível em: <http://ieadam.com.br/ceadam/sobre/>. Acesso em 15 jul. 2016.

⁵² CEADAM. *Sobre*. Disponível em: <http://ieadam.com.br/ceadam/sobre/>. Acesso em 15 jul. 2016.

Cultos onde houvesse salvação de vidas aos milhares, primeiro 3 mil, depois 5 mil pessoas, chegando, nos próximos, a contar multidões de discípulos; outros são os milagres, a presença do Senhor com eles, realizando sinais e maravilhas. Mas, qual o segredo da igreja primitiva? Pois seus membros, mesmo recebendo uma saraivada de questionamentos, e, sendo perseguidos, perseveravam (permaneciam praticando e vivendo o que aprenderam dos líderes) nos ensinamentos dos apóstolos, onde a comunhão não era somente aquela que muitas das vezes tinham nos cultos de ceia, e sim algo mais excelente, visto que cada membro compartilhava com a liderança todos os projetos para a expansão do Reino de Deus. Uma igreja que os vizinhos sentiam prazer em tê-los por perto, pois caíam na simpatia e na graça deles, mostrando que havia relacionamento, (At. 2.37.47). Eles conheciam as mudanças acontecidas nas vidas de nossos irmãos, diferente de muitos cristãos, que não querem se envolver com o próximo para não se mancharem com o pecado.⁵³

Traçou-se como fundamental o trabalho nas casas, algo que remonta ao início da igreja primitiva e o próprio trabalho de Berg e Vingren.

- Nossos irmãos do primeiro século tinham reuniões nas casas, com a finalidade de ensinar a Palavra de Deus e alcançar as pessoas lá onde elas convivem umas com as outras no cotidiano: nas casas, nas ruas, no trabalho, nos templos etc. Naquelas reuniões, os recém-nascidos eram abrigados e amamentados espiritualmente no calor dos berços dos grupos caseiros. Ali aprendiam a falar e a caminhar, receberam os cuidados ternos até se tornarem jovens aptos a serem, também, novos pais para cuidarem com carinho dos novos irmãos? - Eles tinham outra reunião do grande grupo, que podemos denominar de Celebração, onde todos tinham contato com a liderança maior. Ela trabalhava no geral, e podemos ver que realizou grandes colheitas. A prática principal dessas reuniões era o ensino e a pregação.⁵⁴

As Células de Evangelismo e Crescimento começaram a tomar forma. Em cada uma delas há reuniões, fora do edifício da igreja, com o propósito de evangelizar e deixar aptas as pessoas para originar uma nova célula num prazo máximo de um ano. Os grupos, de até 15 pessoas, “se reúnem em um lugar para viver todos os aspectos essenciais da vida da igreja (comunhão, adoração, ensino, evangelismo, discipulado e serviço) de uma maneira informal, pessoal e participativa experimentando no meio deles a presença, o poder e o propósito de Jesus.”⁵⁵

As células são:
Um lugar para encontrar a Jesus Cristo

⁵³ CEC. *Mensagens*. Disponível em: <http://ieadam.com.br/blog/mensagens/celulas-de-evangelismo-e-crescimento-cec/>. Acesso em 15 jul. 2016.

⁵⁴ CEC. *Mensagens*. Disponível em: <http://ieadam.com.br/blog/mensagens/celulas-de-evangelismo-e-crescimento-cec/>. Acesso em 15 jul. 2016.

⁵⁵ CEC. *Mensagens*. Disponível em: <http://ieadam.com.br/blog/mensagens/celulas-de-evangelismo-e-crescimento-cec/>. Acesso em 15 jul. 2016.

Um lugar onde pertencer
 Um lugar para crescer
 Um lugar para se doar
 Um lugar para alcançar a outros.⁵⁶

Há a analogia com as células que compõem o corpo humano, as unidades básicas estruturais de um corpo humano vivo, que “funcionam” em conjunto com outras e formam o todo do corpo humano, conforme consta em 1 Coríntios 12.27:

Ora, vós sois o corpo de Cristo, e seus membros em particular.
 E a uns pôs Deus na igreja, primeiramente apóstolos, em segundo lugar profetas, em terceiro doutores, depois milagres, depois dons de curar, socorros, governos, variedades de línguas.
 Porventura são todos apóstolos? São todos profetas? São todos doutores? São todos operadores de milagres?
 Têm todos o dom de curar? Falam todos diversas línguas? Interpretam todos? Portanto, procurai com zelo os melhores dons; e eu vos mostrarei um caminho mais excelente.

Todos, diferentes, se reúnem num só corpo, com um só objetivo.

Uma Célula é a unidade básica de construção da Igreja. Todos nós precisamos nos relacionar com pessoas com as quais possamos nos identificar e a quem ajudar em nosso caminhar cristão. O Grupo de Célula é um modo prático para que encontremos uma verdadeira comunidade, e até mais importante para participar dela.

Por que células na Igreja:

- A igreja não teve prédios por três séculos – a época do crescimento mais rápido da igreja! Muitas vezes ela se reuniu em salões para ensinos e celebrações, mas a vida da igreja era alimentada e cuidada nos lares. Atos 2.46; 5.42; 12; 16.40; 20.20; Rm 16.5; Co 16.19; Cl; Fl 2.
- Diminuí os recursos financeiros necessários para expansão do Reino de Deus. A visão antiga era inicialmente implantar uma igreja em cada bairro. Cada uma com seu prédio. Pastor assalariado, equipamento de som, etc. Para o funcionamento de uma célula muito pouco é necessário além da própria residência de um irmão. Com a estratégia de células, podemos fazer a obra mesmo não tendo recurso algum.
- Não há prédio suficiente para conter a colheita de almas que está vindo. Nós não devemos limitar o crescimento de igreja ao tamanho de nosso prédio. Ao abraçarmos a visão, acreditamos que vamos ver muitas igrejas com milhares de pessoas em apenas poucos anos.⁵⁷

Os propósitos das células são:

1. Fazer discípulos (Mt 28.19-20).
2. Desenvolver uma vida de oração. Marcos 1.35 – A vida de oração de

⁵⁶ CEC. *Mensagens*. Disponível em: <http://ieadam.com.br/blog/mensagens/celulas-de-evangelismo-e-crescimento-cec/>. Acesso em 15 jul. 2016.

⁵⁷ CEC. *Mensagens*. Disponível em: <http://ieadam.com.br/blog/mensagens/celulas-de-evangelismo-e-crescimento-cec/>. Acesso em 15 jul. 2016.

Jesus.

3. Desenvolver uma comunhão íntima (At. 2.42), a Koinonia.
4. Ministério do corpo (1 Co 14.26). Providenciar oportunidade para cada membro ministrar no culto de Domingo a noite é impossível, levaria uma eternidade.
5. A igreja de Jerusalém tinha grupos grandes e pequenos. Grupos grandes para equipar os santos.
6. Cuidado pastoral (Mt 9.35-38). Jesus não podia ministrar efetivamente a milhares, ninguém pode. A multidão precisava mais do que apenas um toque de milagres, eles precisavam de ministério pessoal também.
7. Levantar novos líderes (2 Tm 2.2). Os dons são desenvolvidos por mãos-a-obra, nas células.
8. Evangelismo (Atos 2.46-47). A célula treina “pescadores de homens.”
9. Permitir acesso em outras comunidades pessoais.
10. Devolver o ministério para a igreja leiga (1 Pe 2.5,9). O sacerdócio geral de todos os crentes, um dos grandes ensinamentos de Martinho Lutero.
11. Entrar nos lares para o Senhor, para ensinar, regozijar e receber outros. Adorar e orar juntos. Comer e beber juntos. Fazer de nossas casas lugares de hospitalidade, generosidade e conquista para Deus.⁵⁸

Outro órgão importante é a Visão Missionária da Assembleia de Deus no Amazonas (VIMADAM), cujo objetivo é ultrapassar as fronteiras do Brasil, “[...] partes remotas do mundo com as Boas Novas de Cristo, através da vida de homens e mulheres tementes a Deus, os quais na época serviam ao Senhor aqui no Amazonas.”⁵⁹ Já são 19 anos de missões para divulgar o evangelho de vida, libertação e paz, em 19 países: Estados Unidos, República Dominicana, Haiti, Suriname, Venezuela, Colômbia, Peru, Moçambique, Angola, Congo, Inglaterra, França, Espanha, Portugal, Suíça, Papua Nova Guiné, Timor-leste, Indonésia, e mais recentemente no Japão.

O Ministério Boas Novas – MBN – deu origem ao trabalho de evangelização via rádio e TV.⁶⁰ Foram lançados diversos CD’s de louvor a Deus. Trata-se de um Ministério que se coloca sempre à frente das festividades e eventos da IEADAM.

Em setembro de 2007, no complexo Canaã, mais de sete mil pessoas se reuniram para mais uma realização concebida por Deus, o lançamento do sexto CD – Santo Deus – no qual a música “Santo Deus” foi composta pela Pastora Ana Lúcia, maestrina e Líder do Ministério, onde a canção passou a

⁵⁸ Adaptado de: CEC. *Mensagens*. Disponível em: <http://ieadam.com.br/blog/mensagens/celulas-de-evangelismo-e-crescimento-cec/>. Acesso em 15 jul. 2016.

⁵⁹ IEADAM. Missões, *Quem somos*. Disponível em: <http://ieadam.com.br/vimadam/sobre/>. Acesso em 15 jul. 2016.

⁶⁰ A TV Boas Novas é uma televisão cristã, presente em 23 capitais brasileiras e transmitida para 220 cidades do Brasil. BOASNOVASTV. Institucional. Disponível em: <http://boasnovas.tv/institucional/>. Acesso em: 15 jul. 2016.

ser cantada nas igrejas evangélicas em Manaus e em outros estados do Brasil.⁶¹

Além da Rádio, da TV e de impressos, com o avanço da tecnologia e o crescimento da igreja, houve uma necessidade de se criar e fazer um investimento nas mídias sociais, digitais da igreja. A justificativa tinha ainda o argumento das distâncias no estado do Amazonas. *Blog, facebook, twitter, instagram, youtube, site, whatsapp* e um aplicativo próprio foram criados para interagir com os mais de 350 mil membros.

A IEADAM também tem sua representação pública, uma vez que a cidadania é também um dever da igreja.⁶²

Como a evangelização visa também a educação, a IEADAM também investe nesta área. Possui uma faculdade que há 10 anos tem formado centenas de pessoas para mercado de trabalho, partindo do princípio que o conhecimento traz liberdade, com cursos de graduação, pós-graduação e MBA. Mas a educação tem seu projeto já na educação infantil, passando pelo ensino fundamental, médio e com a possibilidade de chegar até o ensino superior.

A igreja cresce em ritmo acelerado e, com isso, a presidência da IEADAM, trabalha com uma visão ampliada de Reino, que tem como objetivo cooperar na divulgação da Palavra de Deus através dos meios de comunicação social, alcançando principalmente a população manauara, amazonenses, brasileira, povos de fala portuguesa e demais povos do mundo.⁶³

⁶¹ IEADAM. Ministério. *Sobre*. Disponível em: <http://ieadam.com.br/mbn/sobre/>. Acesso em 15 jul. 2016.

⁶² Os dados apresentados não estão publicados. São dados da IEADAM a partir de pesquisas internas.

⁶³ Os dados apresentados não estão publicados. São dados da IEADAM a partir de pesquisas internas.

2 EVANGELIZAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE: NOVOS DESAFIOS?

A evangelização é característica da Assembleia de Deus no Brasil. Desde as suas origens até a contemporaneidade, evangelizar significa, para a Assembleia de Deus, propagar a Palavra de Deus às pessoas, seja onde estiverem. “A mensagem Pentecostal, de acordo com a ordem de Jesus Cristo, deve ser levada até os confins da terra.”⁶⁴

2.1 EVANGELIZAÇÃO: CONCEITUAÇÃO E CONCEPÇÕES

O Evangelho no Novo Testamento são as Boas Novas de Cristo apresentadas nos seus livros: “[...] as Boas Novas falam do reino de Deus, da mensagem de Deus aos homens, do perdão dos pecados, da esperança.”⁶⁵

A evangelização é tarefa das igrejas cristãs, conforme o mandato missionário de Jesus: “Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado.” (Mt 28, 19-20).

A palavra “evangelização” tem sua origem grega, derivando de “*euangelion*”, “Boas Novas”, e do verbo “*euangelizoma*”, “anunciar, proclamar ou trazer Boas Novas.” Segundo Weber, “a proclamação das Boas Novas da salvação em Jesus Cristo, visando levar a efeito a reconciliação entre o pecador e Deus Pai, mediante o poder regenerador do Espírito Santo.”⁶⁶

Proclamar, Boas Novas, salvação e Espírito Santo são palavras fundamentais para compreender a “missão” evangelizadora dos evangelistas. Champlin e Bentes comentam que os evangelistas eram os apóstolos e até profetas. Mencionam também que havia outros evangelistas,

[...] dotados do dom da fé, da exortação e de outras manifestações espirituais apropriadas para seu ofício, os quais eram presenteados à igreja para multiplicá-la em número. O grupo dos evangelistas era aquele que

⁶⁴ CONDE, 1960, p. 65.

⁶⁵ CHAMPLIN, Russell Norman; BENTES, João M. *Enciclopédia de Bíblia: teologia e filosofia*. vol. 2. São Paulo: Candeia, 1997a. p. 601.

⁶⁶ WEBER, T. P. Evangelização. In: ELWELL, Walter A. *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*. vol. 2. São Paulo: Vida Nova, 1990. p. 121.

efetuava a missão entre os judeus ou os gentios, em posição subordinada aos apóstolos.⁶⁷

Relevante expor o aspecto da missão. Os referidos autores, inclusive, mencionam que alguns tradutores usam o termo “missionários” para designar os evangelistas. Também relatam que “O primeiro e maior dos missionários foi o *Logos*, chamado Cristo, durante a sua missão terrena. Esse *Logos* (Cristo) é o Filho de Deus, dentro da Trindade divina.”⁶⁸

Nessa relação entre missão e evangelização, Schlesinger e Porto definem a evangelização como missão da igreja que consiste não somente em levar a Palavra de Deus, mas

[...] em penetrar do espírito evangélico as realidades temporais e aperfeiçoá-las. [...] A finalidade da evangelização é propriamente a salvação do homem integral. Cristo a quis por meio da Igreja, fundada por ele, na sua dupla índole de comunidade espiritual, invisível e sociedade visível, hierárquica. Pela evangelização, Deus apela aos homens comunicando-se com eles no ministério da Igreja.⁶⁹

Por missão, no contexto cristão, Schlesinger e Porto entendem que se trata, inicialmente, da tarefa recebida por Jesus Cristo do Pai: redimir o mundo. Em seguida, “os apóstolos são missionados por Cristo para continuarem a sua obra evangelizadora, e a Igreja desde o Pentecostes recebeu do Espírito Santo a missão de anunciar a Palavra que salva, e de ministrar graça que santifica.”⁷⁰

Berger e Cardozo mencionam a mudança do paradigma missionário das últimas décadas. Segundo os autores:

De uma Igreja que evangeliza em forma ‘unidirecional’ a uma Igreja-comunhão, onde todos participam e se sentem envolvidos na evangelização, incluindo a responsabilidade de estabelecer as estruturas adequadas para isso. Assim, a evangelização é um ‘caminho a mão dupla’: se dá, mas igualmente se recebe; [...].⁷¹

⁶⁷ CHAMPLIN; BENTES, 1997a, p. 606.

⁶⁸ CHAMPLIN, Russell Norman; BENTES, João M. *Enciclopédia de Bíblia: teologia e filosofia*. vol. 4. São Paulo: Candeia, 1997b. p. 305.

⁶⁹ SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. *As religiões ontem e hoje*. São Paulo: Paulinas, 1982. p. 108.

⁷⁰ SCHLESINGER; PORTO, 1982, p. 181.

⁷¹ BERGER, Alfonso José; CARDOZO, Carlos E. Pós-modernidade e formação inicial: desafios e oportunidades. *Horizonte Teológico*, Belo Horizonte, v.14, n.27, p.52-79, jan./jun. 2015. p. 73.

O Papa Francisco apresentou propostas para o anúncio do Evangelho para o mundo contemporâneo, na “Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*: a alegria do Evangelho.”⁷² Trata-se, em suma, da preocupação com a transmissão da fé cristã por parte da Igreja Católica. Dividida em cinco capítulos, fala da “nova evangelização” para a transmissão da fé. Declara que:

[...] a evangelização está essencialmente relacionada com a proclamação do Evangelho àqueles que não conhecem Jesus Cristo ou que sempre O recusaram. Muitos deles buscam secretamente a Deus, movidos pela nostalgia do seu rosto, mesmo em países de antiga tradição cristã. Todos têm o direito de receber o Evangelho. Os cristãos têm o dever de o anunciar, sem excluir ninguém, e não como quem impõe uma nova obrigação, mas como quem partilha uma alegria, indica um horizonte estupendo, oferece um banquete apetecível. A Igreja não cresce por proselitismo, mas «por atracção».⁷³

A partir de João Paulo II, menciona Papa Francisco que não é possível ficar parado nos templos, mas sim passar para uma pastoral missionária. No entanto, não detalha os temas relacionados com a evangelização no mundo para a atualidade, uma vez que são muitos e “inumeráveis.” Isso é objeto de estudo, caso a caso. Com isso, também expõe a “descentralização.”⁷⁴ Isso é um elemento interessante, na medida em que chama o corpo da Igreja para estudar e refletir de forma conjunta.

O que faz Francisco, por sua vez, é estabelecer algumas diretrizes a respeito da evangelização. Esse aspecto é importante para a presente reflexão porque evidencia que a Igreja Católica também sente necessidade de reformar questões que não dizem mais respeito às novidades do mundo pós-moderno:

- a) A reforma da Igreja em saída missionária.
- b) As tentações dos agentes pastorais.
- c) A Igreja vista como a totalidade do povo de Deus que evangeliza.
- d) A homilia e a sua preparação.
- e) A inclusão social dos pobres.
- f) A paz e o diálogo social.
- g) As motivações espirituais para o compromisso missionário.⁷⁵

O primeiro aspecto levantado logo chama a atenção, inclusive, pela palavra “reforma.” Trata-se de rever o que está em prática para uma nova forma de saída

⁷² FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. 2013. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em 10 set. 2016.

⁷³ FRANCISCO, 2013, p. 14-15.

⁷⁴ FRANCISCO, 2013, p. 16.

⁷⁵ FRANCISCO, 2013, p. 17.

missionária. Significa sair, ir ao encontro do outro, daquele excluído em tempos de crise, porque evangelização tem a sua dimensão social, quer dizer, o compromisso com os pobres, o bem comum, a paz social, enfim, aspectos relacionados com o exercício da cidadania.⁷⁶

Corrêa Neto aborda o desafio particular da evangelização das juventudes segundo as propostas de Papa Francisco. Destaca que as transformações sociais na atualidade distanciam a juventude do discurso eclesial.

Quais são essas transformações? De modo geral se apresentam tais transformações seguindo um percurso de mudanças em que um tempo histórico supera o outro, em uma tríade dialética que caminha sempre para uma síntese positiva. Porém, aqui, a ideia é, ao contrário, apresentar uma tríade histórica em tensão: o mundo tradicional, a modernidade e (pós-) modernidade.⁷⁷

Para compreender essas transformações, Corrêa Neto expõe um quadro interessante que serve para compreender como a evangelização “deve” se “adaptar” às transformações:

⁷⁶ Weber (1990, p. 122) pondera que a evangelização além de espalhar as boas novas de que Cristo morreu pelos nossos pecados, em discipulado, quer dizer, seguir Jesus Cristo, tomar sua cruz e se identificar na comunidade cristã. Isso inclui a obediência a Jesus, a incorporação na sua igreja e o serviço responsável no mundo. Esse serviço responsável no mundo está diretamente relacionado ao compromisso para com a referida cidadania.

⁷⁷ CORRÊA NETO, Sebastião. Evangelização das juventudes: acompanhamento e cuidado. *Horizonte Teológico*, Belo Horizonte, v.14, n.27, p.91-109, jan./jun. 2015. p. 92.

Figura 3 – Transformações sociais

	Mundo tradicional	Modernidade	(pós-)modernidade
Educação	Recordar e recontar. Realizada pelos mais velhos	Técnica e revolucionária. Organizada pelas escolas.	Complexidade. Difícil dizer quem educa quem.
Visão de organização do mundo	Providência	Progresso / organização	Fluido
Visão temporal	Cíclica	Linear	Passado visto a partir de muitas maneiras diferentes.
Construção da identidade	Os papéis sociais são divididos e confirmados por instituições competentes.	A partir de projetos de vida que se lançam para o futuro.	Múltiplas, construídas na desorientação.
Referência de autoridade.	Mais velhos	Técnico, cientista, professor	Líder carismático.

Fonte: CORRÊA NETO, 2015, p. 93.

Essas transformações, a partir da figura 3, são importantes de serem compreendidas com o fim de compreender as novas mentalidades, trazendo à tona os conflitos geracionais. O mundo pós-moderno se mostra complexo, fluido, com cosmovisões variadas, identidades que clamam por espaço. Diante disso, o desafio está em levar o Evangelho de sempre para um novo tempo.

Segundo Suess, a nova evangelização tem como novidade essencial o protagonismo dos pobres. A periferia do mundo torna-se o “[...] centro para um mundo sem periferia e sem centro.”⁷⁸ Há que se reconhecer esses sujeitos, num mundo com novas linguagens, símbolos, mensagens e paradigmas que muitas vezes estão em contraste com o Evangelho.

Sujeitos”, “espaços”, proximidade entre sujeitos e espaços através de uma “evangelização inculturada” e “conversão” representam pilares da nova evangelização. [...] Ao pensar a nova evangelização, temos em mente “as expressões da piedade popular.” Se soubermos ler seus sinais e significados, podemos muito aprender dela. Piedade e religiosidade popular têm “muito o que ensinar”, porque são “um lugar teológico a que devemos prestar atenção.”⁷⁹

⁷⁸ SUESS, Paulo. *Dicionário da exortação Evangelii Gaudium: 50 palavras-chave para uma leitura pastoral da exortação apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulus, 2015. p. 82.

⁷⁹ SUESS, 2015, p. 83-84.

Ademais, todos [...] os batizados, desde o primeiro ao último, atua a força santificadora do Espírito que impele a evangelizar.”⁸⁰ O batismo nos torna discípulos; logo, evangelizadores. E assim faz a Assembleia de Deus.

2.2 EVANGELIZAÇÃO NA ASSEMBLEIA DE DEUS

A evangelização na Assembleia de Deus pode ser analisada sob os prismas da oralidade e da expansão, esta como resultado do trabalho de contato pessoal e, posteriormente, se utilizando das consequências da modernidade excludente, e a oralidade enquanto tradição histórica de evangelização.

2.2.1 A oralidade

A forma de expressão no pentecostalismo criou uma imagem pejorativa do mesmo. Claiton Ivan Pommerening menciona que a oralidade é utilizada como base da comunicação entre as pessoas, sem o uso da escrita, ou com uso de forma mais limitada. Essa oralidade acaba, portanto, por “[...] identificar certo tipo de consciência criada pela oralidade em sociedades letradas, porém regidas por ela.”⁸¹

Ruben Ferreira Maria⁸² destaca o aspecto de que a sociedade delegou há séculos as funções de ensinar a curar a letrados ou doutores e que o pentecostalismo rompe com essa ideia. Pode-se dizer que esse aspecto está relacionado mais ao tipo de formação teológica. Pommerening menciona o fato de se abrir mão até do estudo acadêmico da teologia, a partir Efésios 4,11, quando é concedido para alguns serem apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores.⁸³

Bortolletto Filho⁸⁴ analisa de forma geral a formação teológica no meio pentecostal apontando para a fragilidade de institutos de formação teológica que

⁸⁰ FRANCISCO, 2013, p. 96.

⁸¹ POMMERENING, Claiton Ivan. Oralidade e escrita na teologia pentecostal: acertos, riscos e possibilidades. *Protestantismo em revista*, São Leopoldo, Faculdades EST, v. 24, jan.-abr., p. 117-133, 2011. p. 118.

⁸² MARIA, Ruben Ferreira. *Evangelização ou mercantilização da fé? Cotejamentos entre sagrado, fé, ética e igreja na modernidade a partir dos estudos sobre a evangelização através do uso da mídia.* (Dissertação de Mestrado) 2012. São Leopoldo: EST/PPG, 2012. p. 19-20.

⁸³ POMMERENING, 2011, p. 119.

⁸⁴ BORTOLLETO FILHO, Fernando. Horizontes e dilemas da formação teológica protestante no contexto brasileiro hoje. in: HOCH, Lothar Carlos; STRÖHER, Marga Janete; WACHHOLZ, Wilhelm.

“formam” pastores. Há que se ter essa consciência da existência dessa fragilidade na formação no meio pentecostal, mas há que se distinguir entre as denominações para não incorrer no erro de inserir todas num mesmo rótulo.

A oralidade é a forma encontrada pelo pentecostalismo de se comunicar de forma mais eficiente, inclusive para atender as classes mais pobres, cuja compreensão é menos elaborada e racionalizada da religião. A oralidade no culto, por exemplo, oferece possibilidades para pessoas que somente poderem falar, uma vez que a forma escrita se mostra mais difícil a elas. Matos destaca que “Com o passar do tempo, essa igreja [a Assembleia de Deus no Brasil] vem se tornando mais parecida com as outras denominações evangélicas, revelando maior sobriedade no seu culto e uma preocupação crescente com a preparação intelectual e teológica dos seus obreiros.”⁸⁵ Mas a preparação teológica mais eficiente e aperfeiçoada não significa o abandono da oralidade.

Essa teologia oral tem igualdade de direitos sobre a escrita, argumenta Pommerening, uma vez que “[...] Deus não criou faculdades mentais inferiores umas às outras, se compararmos a razão com a emoção, a devoção contemplativa com a dança, etc.”⁸⁶

Francisco Rolim também aponta que este tipo de evangelização baseada na oralidade é característica do pentecostalismo, direcionada para o povo simples e, desta forma, de maneira que as camadas populares desprivilegiadas possam compreender a mensagem. Também os agentes evangelizadores são originários dessas comunidades, já conhecedores das características da sua própria cultura oral.⁸⁷

O pentecostalismo não pode perder a reflexão teológica e a evangelização na oralidade, mas pode, sim, esforçar-se para articulá-la com a escrita. Mas esse aspecto tem muito a ver com a educação das pessoas, uma vez que o nível de escolaridade interfere na compreensão da mensagem. Por isso, deve permanecer o

Estações da formação teológica: 60 anos de história da EST. São Leopoldo: Sinodal/Faculdades EST, 2008. p. 75-78.

⁸⁵ MATOS, Alderi Souza de. O movimento pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário. *Fides Reformata*, São Paulo, ano XI, n. 2, p. 23-50, 2006. p. 43.

⁸⁶ POMMERENING, 2011, p. 119.

⁸⁷ ROLIM, Francisco. *Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1985.

caráter da oralidade, e fazer com que a escrita seja capaz de dialogar “[...] na mesma ‘linguagem’, sempre consciente de que a oralidade chegou primeiro.”⁸⁸

No entanto, ao que parece, propagar a Palavra de Deus sem grandes interpretações ou exegese, significa fraca expressão teológica ou pouco labor teológico. Barbosa ainda tenta amenizar a sua crítica mencionando que,

Apesar da fraca expressão teológica, as igrejas pentecostais têm conseguido alcançar as massas com sua mensagem calcada num universo místico. Daí o apelo à emoção, a manipulação da divindade e da realidade, o emprego de técnicas de persuasão, a simplificação doutrinária.⁸⁹

Será que somente quando se mostra de forma erudita a pregação da Palavra de Deus é eficiente? A demonstração da emoção é um sinal negativo? Falar de forma simples significa diminuir a doutrina? Barbosa ainda chama o movimento pentecostal de “religiosidade popular” que encontrou sua

[...] explosão num modelo político-social que segrega, degrada e oprime o povo de todas as maneiras. Nesta sociedade onde o índice de analfabetismo não diminui, em que a classe pobre é cada vez maior, o movimento pentecostal veiculando mensagens de consolação alienante terá garantido o seu lugar e o seu crescimento.⁹⁰

É bem verdade que a formulação de Barbosa é da década de 1980. Mas essa imagem da Assembleia de Deus continua de certa forma. No entanto, há que se atentar para a crítica do próprio Papa Francisco: “Jesus irritava-Se com pretensiosos mestres, muito exigentes com os outros, que ensinavam a Palavra de Deus, mas não se deixavam iluminar por ela.”⁹¹ Portanto, a iluminação pela Palavra de Deus é fundamental, tão importante quanto o labor teológico.

Matos expõe essa tensão entre o labor teológico, necessário e cada vez mais reivindicado na Assembleia de Deus, e os aspectos tradicionais:

a Assembleia de Deus publica desde 1930 um periódico oficial, Mensageiro da Paz, e possui uma editora de grande expressão. A igreja enfrenta forte tensão entre manter a tradição conservadora e populista e aceitar novos valores como a ênfase no aprimoramento intelectual. [...] Com o passar do tempo, essa igreja vem se tornando mais parecida com as outras denominações evangélicas, revelando maior sobriedade no seu culto e uma

⁸⁸ POMMERENING, 2011, p. 132.

⁸⁹ BARBOSA, 1985, p. 70.

⁹⁰ BARBOSA, 1985, p. 70-71.

⁹¹ FRANCISCO, 2013, p. 118.

preocupação crescente com a preparação intelectual e teológica dos seus obreiros.⁹²

Prossegue o autor afirmando que devem ser consideradas áreas a serem observadas pelas igrejas não pentecostais em relação às pentecostais:

(a) na esfera do culto: liturgia mais alegre, edificante e participativa; hinódia contemporânea com sólido conteúdo bíblico e doutrinário; (b) na esfera das missões: maior ênfase na evangelização, envolvendo todos os membros; reexame das estratégias missionárias (por exemplo, em certas igrejas pentecostais o obreiro deve primeiro plantar uma igreja para então ser consagrado pastor, ao passo que na IPB o grande número de formandos dos seminários não está se traduzindo em crescimento para a igreja); (c) no âmbito social: transformação das igrejas em espaços acolhedores para pessoas de todas as classes e condições; atuação deliberada e sistemática junto às camadas mais pobres da população, levando-lhes o evangelho integral. Também existem algumas contribuições que as igrejas tradicionais podem oferecer aos pentecostais e renovados: seriedade no estudo e interpretação das Escrituras; valorização da boa teologia e das doutrinas bíblicas; compromisso com a ética cristã, especialmente quanto à liderança e finanças; ênfase à santidade tanto quanto ao poder; equilíbrio entre experiência e Escritura, emoções e intelecto, fervor e reverência; valorização da herança cristã.⁹³

Correa destaca o início da evangelização e do batismo no Espírito Santo como sendo as principais características da Assembleia de Deus. “Cada dia os novos convertidos testemunhavam as curas, as profecias e as orações em línguas estranhas, como eram chamadas.”⁹⁴

Aliás, o próprio Papa Francisco, na já referida exortação, defende que os evangelizadores devem ser com Espírito Santo:

Evangelizadores com espírito quer dizer evangelizadores que se abrem sem medo à ação do Espírito Santo. No Pentecostes, o Espírito faz os Apóstolos saírem de si mesmos e transforma-os em anunciadores das maravilhas de Deus, que cada um começa a entender na própria língua. Além disso, o Espírito Santo infunde a força para anunciar a novidade do Evangelho com ousadia (parresia), em voz alta e em todo o tempo e lugar, mesmo contracorrente. Invoquemo-Lo hoje, bem apoiados na oração, sem a qual toda a ação corre o risco de ficar vã e o anúncio, no fim de contas, carece de alma. Jesus quer evangelizadores que anunciem a Boa Nova, não só com palavras, mas sobretudo com uma vida transfigurada pela presença de Deus.⁹⁵

⁹² MATOS, Alderi Souza de. O movimento pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário. *Fides Reformata*, São Paulo, ano XI, n. 2, p. 23-50, 2006. p. 43.

⁹³ MATOS, 2006, p. 49.

⁹⁴ CORREA, Marina Aparecida Oliveira dos Santos. *A Operação do Carisma e o Exercício do Poder: a lógica dos ministérios das igrejas Assembleias de Deus no Brasil*. (tese de doutorado). São Paulo: PUC, 2012. p. 80.

⁹⁵ FRANCISCO, 2013, p. 195.

Importa sim o labor teológico, mas igualmente importa estar aberto à Palavra de Jesus Cristo, bem como à evangelização com o Espírito Santo. Isso sem esquecer o aspecto missionário para a evangelização. O nome inicial dado à Assembleia de Deus carrega consigo essa característica da evangelização: “Missão da Fé Apostólica.” Afinal, conforme visto, a evangelização segue ao mandato missionário de Jesus em Mt 28, 19-20.

2.2.2 O processo de expansão

A evangelização foi tema das primeiras convenções da Assembleia de Deus. Correa relata a importância dada por Daniel Berg à evangelização, colocando-o como principal assunto nas convenções. “Os obreiros brasileiros tinham a responsabilidade de levar o crescimento pentecostal para todo o país.”⁹⁶

A partir dessa constatação, nas convenções fica também evidente a questão da evangelização enquanto forma de expansão. Essa expansão pode ser creditada devido a Assembleia de Deus mostrar “[...] sobretudo nas duas últimas décadas, maior disposição para adaptar-se a mudanças em processo no pentecostalismo e na sociedade brasileira.”⁹⁷

Voltando ao passado, inicialmente a liderança da Assembleia de Deus era dos estrangeiros. E isso incomodava os obreiros brasileiros. No entanto, a partir da década de 1930, com a expansão da Assembleia de Deus por todo o território brasileiro, a sede passou de Belém, no PA, para o Rio de Janeiro, então capital federal. Com essa transferência, os obreiros brasileiros passaram a receber maior responsabilidade no trabalho. A administração passou a ser mesclada entre suecos e brasileiros.⁹⁸ A partir do momento em que a administração é mesclada, iniciam, também, de certa forma, novas formas de pensar a evangelização e a consequente expansão.

⁹⁶ CORREA, 2012, p. 98.

⁹⁷ MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. *Estud. av.*, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 121-138, Dec. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 26 out. 2016. p. 123.

⁹⁸ CORREA, 2012, p. 103-104.

Sousa comenta acerca da expansão da religiosidade através da Assembleia de Deus que não se trata de um retorno ao sagrado, mas uma nova forma de vivenciá-lo, chamando de “insurreição emocional dos pobres”, creditando tal “insurreição” ao “[...] processo de modernização excludente, mediante a invenção de novos laços de solidariedade e comunidade.”⁹⁹

Essa modernidade excludente é a que acaba por contribuir com a expansão da Assembleia de Deus e a fazê-la adaptar-se a essa nova realidade que constrói novas identidades. Manuel Castells afirma que:

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social bem como em sua visão de tempo/espaço.¹⁰⁰

A partir de Castells, que destaca ainda três tipos de identidades (a legitimadora, relacionada às instituições dominantes; de resistência, por grupos discriminados socialmente; e de projetos, dos grupos que redefinem sua posição social), é possível afirmar que a Assembleia de Deus redefine a sua posição social a partir de materiais culturais de que dispõe. Acaba por assimilar as consequências dessa modernidade e, assim, compreender que a vivência do sagrado exige também novas formas. Não se trata de negar origens, princípios, mas de acompanhar as mudanças.

Num artigo instigante, Gandra e Westphal fazem uma análise das disputas entre setores tradicionais da Assembleia de Deus e os adeptos da contextualização da igreja com os novos tempos. Destacam a questão da abertura para pesquisas e o próprio labor teológico já mencionado.

A abertura para as pesquisas parece apontar para uma confiança de que as diferenças em relação aos “neopentecostais” serão esclarecidas com os estudos acadêmicos. Enfim, o resgate da memória assembleiana torna-se instrumento de suporte para o jogo identitário. A partir disso, cabe

⁹⁹ SOUSA, Bertone de Oliveira. A Expansão da Assembleia de Deus em Imperatriz-MA: História e Constituição Identitária. *II Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em História*, Goiás, UFG, UCG, 14 a 16 de set. 2009. p. 13 Disponível em: https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/IISPHist09_Bertonedeousa.pdf. Acesso em 15 out. 2016.

¹⁰⁰ CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 23.

considerar que o pentecostalismo no contexto brasileiro está passando por um processo de migração da oralidade e informalidade para a escrita da doutrina pentecostal.¹⁰¹

Há sim uma preocupação com a diferenciação entre pentecostal e neopentecostal, o que reafirma a questão do estabelecimento de uma identidade, por um lado, mas não se abandona a oralidade; pelo contrário, afirma-se ela como crucial para a evangelização, mas a escrita e o labor teológico se mostram essenciais na sociedade contemporânea.

Por isso, pode-se concordar, em parte, com Sousa quando afirma que “Ao adequar seu discurso às necessidades das comunidades por ela alcançadas, as levou a redefinirem suas identidades, a partir de um referencial religioso puritano, criando novos sentidos e referências de vida, e, assim, uma identidade cultural.”¹⁰² Não exatamente uma redefinição, mas uma adequação necessária às novidades. Também a Igreja Católica, por exemplo, na exortação do Papa, também chama a atenção para a necessidade de novas formas de evangelização.¹⁰³

A Assembleia de Deus, no momento em que se estabelece e cativa a comunidade, propõe uma nova forma de vivenciar o Evangelho o que acaba por interferir sim nas identidades. No entanto, esse não é um privilégio da Assembleia de Deus, mas de qualquer religião que cativa fiéis e estes acabam, por consequência, modificando sua identidade no que tange à vivência da religiosidade.

As reuniões nacionais das lideranças cada vez mais enfatizavam a evangelização como pauta importante. A forma de evangelização, nas primeiras décadas, não tinha uma ferramenta de comunicação de massa para a evangelização.

O principal meio de comunicação era a evangelização entre os fiéis e os missionários, que buscavam converter as pessoas mais próximas de suas moradias, os grupos de amigos ou de conhecidos, os trabalhadores esperando ônibus, ou seja, qualquer pessoa que parecesse aberta à doutrina da igreja.¹⁰⁴

¹⁰¹ GANDRA, Valdinei Ramos; WESTPHAL, Euler Renato. Assembleia de Deus: Questões identitárias na criação do Centro de Estudos do Movimento Pentecostal – CEMP. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 53, n. 2, p. 268-281 jul./dez. 2013. p. 279.

¹⁰² SOUSA, 2009, p. 20.

¹⁰³ FRANCISCO, 2013, p. 17.

¹⁰⁴ CORREA, 2012, p. 105.

Identidade e meios de comunicação estão intimamente relacionados e têm consequências para a expansão da Assembleia de Deus. Gandra e Westphal mencionam que:

A abertura para os meios de comunicação, como, por exemplo, a televisão e a internet, inseriram os assembleianos nas mídias do mundo contemporâneo, portanto tornaram-se mais expostos às transformações que tais acessos culturais promovem, sendo a “crise de identidade” uma delas.¹⁰⁵

Inicialmente, a comunicação interna se dava através de jornais, já a partir de 1917, com o Jornal *Boa Semente*, no norte do Brasil. No sudeste havia *O Som Alegre*, coordenado por Gunnar Vingren. Em 1919 vieram *Voz da Verdade* e *Mensageiro da Paz*, este de circulação nacional. Em 1937 a Convenção Geral aprovou o uso do rádio. Mas esta aprovação foi com ressalvas, uma vez que o aparelho era proibido ter em casa. Assim, em 1955, foi lançado o programa *Voz das Assembleias de Deus*, e “[...] tornou-se uma marco importante na evangelização do país.”¹⁰⁶

A Convenção Geral das Assembleias de Deus, cuja pauta sempre tinha a evangelização como prioridade, não podia, portanto, deixar de atentar para os recursos tecnológicos que iam surgindo. Por isso, em 1957, o advento da televisão também foi debatido na Convenção. Mas houve recusa de alguns pastores que diziam ser a televisão “[...] um malefício para o mundo, ou seja, que a humanidade seria desumanizada com essa nova prática.”¹⁰⁷

Em 1969 chegou a ser publicada uma resolução no jornal *Mensageiro da Paz* repudiando a posse da televisão por parte de pastores e pela comunidade em geral, de forma que, ou se desfaziam, ou estariam à mercê de suspensão da igreja.¹⁰⁸ Mas essa resistência chegou ao fim, ainda que tenha, de certa forma, levado algum tempo. Em 1981 estreou o programa *Renascer*, com o pastor Silas Malafaia. Em Belém, no PA, no mesmo ano, surgiu o programa *Boas Novas no Lar* e, em 1988, em Manaus, o programa *Espaço Bíblico*, com apenas trinta segundos de duração,

¹⁰⁵ GANDRA; WESTPHAL, 2013, p. 275.

¹⁰⁶ CORREA, 2012, p. 120.

¹⁰⁷ CORREA, 2012, p. 121.

¹⁰⁸ CORREA, 2012, p. 121.

apresentado por Samuel Câmara, na Rede Brasil Norte, que futuramente passou para a Rede Boas Novas, conforme tratado no capítulo anterior.¹⁰⁹

Correa afirma que as Assembleias de Deus, nos anos iniciais, viviam de maneira ascética e que, no decorrer dos tempos, com a evolução da sociedade gerada pelos artefatos da modernidade e pós-modernidade, mudou de estratégia e buscou novas maneiras de evangelização. Chega a dizer que as Assembleias de Deus se distanciaram da sua origem usando “[...] a mídia e seus pressupostos tecnológicos.”¹¹⁰ No entanto, talvez seja mais prudente dizer que as Assembleias de Deus seguiram junto com seu tempo, se contextualizando com as novidades do mundo. Jesus proclamou também a Boa Nova a partir dos mecanismos dos quais dispunha, ou seja, através de ensinamento, parábolas, curas, num contato pessoal.

Na contemporaneidade, esse contato pessoal persiste, como no culto cristão, nas visitas, e nas diversas atividades locais. Mas não se pode deixar de alcançar as pessoas para além das fronteiras locais. Especificamente no caso do Amazonas, de grandes distâncias, quando se levam dias para se chegar a determinadas comunidades, o contato via satélite se mostra eficiente e, ainda que sem o calor humano, leva a Palavra de Deus, ou seja, faz a evangelização. Papa Francisco reconhece também que as mudanças sociais causaram também mudanças nas formas de evangelizar.¹¹¹

Ao propor a reforma da igreja em saída missionária, além de estabelecer outras diretrizes para a “nova evangelização”, Papa Francisco está, também, adequando a forma de evangelização da Igreja Católica para os novos tempos, conforme já mencionado.¹¹² Por que, então, a Assembleia de Deus deve ser critica se “se afasta” das suas origens? Não se trata de afastamento, mas de se contextualizar com as novidades da contemporaneidade.

Correia mesmo acaba por constatar que

[...] a cultura mais moderna oferecer uma circulação mais fluida [...]. indiscutivelmente o crescimento acelerado das novas tecnologias comunicacionais, leva a cultura midiática ser responsável pela expansão dos mercados culturais, também pela ‘transnacionalização’ da cultura aliada

¹⁰⁹ CORREA, 2012, p. 121ss.

¹¹⁰ CORREA, 2012, p. 132.

¹¹¹ CORRÊA NETO, 2015, p. 103.

¹¹² FRANCISCO, 2013, p. 17.

à nova ordem econômica e das sociedades globalizadas, caracterizando a criação de novos hábitos no consumo de cultura.¹¹³

Pode-se traçar, inclusive, um paralelo com a vinda de Daniel Berg e Gunnar Vingren, de navio, dos Estados Unidos para o Brasil. Antes, a forma de expansão se dava através da forma pessoal, através dos meios de locomoção mais avançados da época. Atualmente, essa “locomoção” se dá de outras formas, como pelas tecnologias da comunicação.

Correa¹¹⁴ critica, ainda, o discurso dos pastores que varia de lugar para lugar. Ora, cada discurso é realizado de acordo com a comunidade local, se urbana ou rural, por exemplo. Isso, na verdade, ao se analisar os discursos e as formas de evangelização nas igrejas em geral, cada qual o faz de acordo com as características locais.

¹¹³ CORREA, 2012, p. 246-247.

¹¹⁴ CORREA, 2012, p. 267.

3 EVANGELIZAÇÃO E ÉTICA

A evangelização apresenta-se como um desafio para as igrejas. O Sagrado, “objeto” dessa evangelização, concorre com as crenças e descrenças dessa era. Nesse capítulo reflete-se acerca dos desafios da evangelização e do Sagrado na contemporaneidade a partir de uma ação ética.

3.1 GLOBALIZAÇÃO: DESAFIOS DA EVANGELIZAÇÃO

O desafio na era da globalização para a evangelização (e para os trabalhos em geral da igreja) está em crer em algo não visível aos olhos, não consumível e não descartável. Os tempos modernos, conforme Bauman, “[...] foram notáveis pelo implacável assalto do profano contra o sagrado, da razão contra a paixão, das normas contra a espontaneidade, da estrutura contra a contra-estrutura, [...]”¹¹⁵

A evangelização na contemporaneidade “concorre” com a multiplicidade de ofertas da chamada pós-modernidade. E esse é um termo pertinente – concorrer – uma vez que o individualismo impera e as disputas são constantes entre os indivíduos, os estados e no mercado. No dizer de Castells, o ser humano está cada vez mais no “[...] anonimato, isolamento, relações instrumentais, [...], diversidade e frugalidade dos papéis sociais, abrandamento dos laços familiares e concorrência individualista.”¹¹⁶

A evangelização apresenta desafios na contemporaneidade, portanto, independente da religião, com as disputas acirradas entre os indivíduos e instituições, além da fragilização da família e, conseqüentemente, do ser humano. Bases de sustentação como a família e a fé no Sagrado também estão abaladas.

A família com a sua estrutura que por tanto tempo sustentou as relações familiares e que, desta forma, também influenciaram as relações sociais de forma geral, estão caminhando rumo a um *locus* desconhecido. Castells menciona que há um temor por esse desconhecido,

[...] em especial assustador quando isso diz respeito ao cotidiano da vida pessoal. Incapazes de viver sob a égide do patriarcalismo secular, mas

¹¹⁵ BAUMAN, Zygmunt. *Ética pós-moderna*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 155-156.

¹¹⁶ CASTELLS, Manuel. *Problemas de investigação em sociologia urbana*. São Paulo: Martins Fontes, 1975. p. 29.

apavorados com a solidão e a incerteza presentes em uma sociedade tremendamente competitiva e individualista, em que a família, como mito e realidade, representava o único abrigo seguro, muitos homens, mulheres e crianças rogam a Deus que os traga de volta ao estado de inocência em que podiam viver satisfeitos com o patriarcalismo benevolente, de acordo com a lei de Deus. Ao rezarem juntas, essas pessoas se tornam capazes de conviver outra vez. Justamente por essa razão, o fundamentalismo cristão norte-americano está profundamente marcado pelas características culturais do país, seu individualismo amparado na família, seu pragmatismo e seu relacionamento personalizado com Deus, como também com os desígnios de Deus, como uma forma de solucionar os problemas pessoais em uma vida cada vez mais imprevisível e incontrolável.¹¹⁷

Após o iluminismo, entendido como “linha filosófica caracterizada pelo empenho em estender a razão como crítica e guia a todos os campos da experiência humana”¹¹⁸, ingressamos na modernidade, na busca pela pureza, no sentido de “enquadrar” os indivíduos, de colocar todos de forma igual. Conforme Bauman, “não há nenhum meio de pensar sobre a pureza sem ter uma imagem de ‘ordem’, sem atribuir às coisas seus lugares ‘justos’ e ‘convenientes’ – que ocorre serem aqueles lugares que elas não preencheriam ‘naturalmente’, por sua livre vontade.”¹¹⁹ Na pós-modernidade, por sua vez, não há um molde estabelecido, mas estilos e padrões de vida concorrentes. Bauman explica que todo aquele que pretende ser admitido por ela, deve:

[...] mostrar-se capaz de ser seduzido pela infinita possibilidade e constante renovação promovida pelo mercado consumidor, de se regozijar com a sorte de vestir e despir identidades, de passar a vida na caça interminável de cada vez mais intensas sensações e cada vez mais inebriante experiência.¹²⁰

Porém, nem todos passam nessa prova, segundo Bauman. E estes acabam sendo a “‘sujeira’ da pureza pós-moderna.”¹²¹ A impureza é a extremidade daquilo que se compreende como sendo “puro”: “a extensão até os limites do que devia ter sido, mas não podia ser [...]”¹²²

¹¹⁷ CASTELLS, Manuel. *A era da informação: Economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, vol. 2, 1999. p. 43.

¹¹⁸ ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 534.

¹¹⁹ BAUMAN, 1998, p. 14.

¹²⁰ BAUMAN, 1998, p. 23.

¹²¹ BAUMAN, 1998, p. 23.

¹²² BAUMAN, 1998, p. 26.

Nesse contexto está a evangelização da Assembleia de Deus, com seus dilemas entre a tradição e a contemplação das “novidades” tecnológicas e, principalmente, desse “novo” sujeito pós-moderno.

A oralidade, conforme apontado anteriormente, é uma característica da Assembleia de Deus na sua forma de evangelizar e pregar. Sempre foi caracterizada pelo contato direto, nas visitas nas casas, com o ápice sendo o culto cristão, a reunião de todos os irmãos em Cristo. Permanece desta forma, mas com a observação de que a tradição histórica da oralidade na contemporaneidade é manifestada, também, através das mídias sociais, das transmissões das atividades pela internet. Não se forja uma nova identidade para a Assembleia de Deus, mas ela acaba incorporando as novas tecnologias da comunicação para praticar a evangelização através da oralidade. Trata-se de uma nova oralidade para os novos tempos. Cunha indaga:

Transformar ou preservar? Como unir elementos tão distintos? Daí o hibridismo gospel. Não uma mescla que possibilita um elemento de resistência para se sobreviver na modernidade ou para driblar poderes hegemônicos, mas a adesão à modernidade e suas tendências sem comprometimento da expressão cultural já conhecida e aprovada no coração da igreja.¹²³

Há toda uma adequação aos novos tempos e, ratifica-se, não exclusividade da Assembleia de Deus. Cunha também aponta para esse fato ao refletir sobre o protestantismo histórico de missão. Caracteriza-o como tendo um

[...] culto, pobre em ritos e carente de emoção, era estruturado na palavra, e tinha o momento central o sermão. Com a ascensão do mercado fonográfico evangélico e o reforço da dimensão do espetáculo, o momento de louvor passou a ser o momento central, o mais esperado e valorizado, retirando-se o ‘peso’ do sermão da liturgia.¹²⁴

Menciona, ainda, mais adiante, a falta de espontaneidade, a pouca participação no culto (em raros momentos de participação em orações), como motivadores para a inserção na modernidade por parte de igrejas do protestantismo

¹²³ CUNHA, Magali do Nascimento. *Explosão Gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad X; Instituto Mysterium, 2007. p. 193.

¹²⁴ CUNHA, 2007, p. 195.

histórico de missão, inclusive tendo como nos cultos pentecostais “[...] modelo bem sucedido e transplantado para a prática das igrejas históricas.”¹²⁵

Isso é o que Cunha chama de hibridismo, a união dos aspectos distintos, do encontro do tradicional e do moderno, do antigo com o novo. Não se trata de mudar para algo novo, mas de buscar o novo para manter o já existente: “[...] preservação dos traços que deram forma a esse jeito de ser em suas origens no Brasil [...], transformação (modernização) e preservação (conservação) – dois elementos distintos no mesmo corpo; duas fontes dessemelhantes na mesma matéria.”¹²⁶

Esse é um “fenômeno” da modernidade, chamado por Cunha de cultura *gospel* que integra o sistema do capitalismo globalizado.

Toda a transformação, tudo o que se apresenta como novo entre os evangélicos que experimentam este modo de vida é uma expressão do mercado. [...] é o mercado que está dando forma ao novo modo de ser evangélico porque tudo o mais está conservado. E esta conservação/contradição parece agradar ao mercado, pois não impede a sua expressão e suporta o seu caráter hegemônico.¹²⁷

Algo que incomoda, a princípio, é essa aproximação com o mercado, com os ditames do capitalismo contemporâneo. A primeira atitude é negar esse vínculo com o mercado, como se fosse algo “pecaminoso.” No entanto, quando há uma atuação ética por parte da igreja dentro desta lógica de mercado, não há contradição ou “pecado.” Apropriar-se dos novos elementos para a evangelização (que significa boa nova) tem o único objetivo de cumprir com a missão evangelizadora e não algum “fim mercadológico lucrativo.” Usam-se as ferramentas do mercado contra o próprio mercado, ou melhor, para falar a mesma “língua” deste mercado, sem, no entanto, o objetivo do lucro, mas o de alcançar os indivíduos.

Por isso, o pentecostalismo permanece consistente, conforme Bobsin, e, acrescentando-se, acaba influenciando outras igrejas evangélicas também. Pode estar ameaçado pelo neo-pentecostalismo, mas para evitar àquilo que sentencia Bobsin, “[...] o que se institucionaliza tende a negar o fervor das primeiras gerações [...]”¹²⁸,

¹²⁵ CUNHA, 2007, p. 196.

¹²⁶ CUNHA, 2007, p. 197.

¹²⁷ CUNHA, 2007, p. 198.

¹²⁸ BOBSIN, Oneide. Tendências religiosas e transversalidade: hipóteses sobre a transgressão de fronteiras. In: ALTMAN, Walter; ALTMANN, Lori. *Globalização e religião: desafios da fé*. São Leopoldo: CECA, 2000. p. 23.

encontra no próprio autor uma resposta: “[...] é preciso transgredir fronteiras para recriar novos espaços para a vida ameaçada [...]”.¹²⁹

Atuar nesse contexto significa dispor de um poder - e responsabilidade - de exercer uma ação sobre indivíduos, ou melhor, numa relação entre e com indivíduos. Foucault menciona esse poder pastoral quando aborda a sexualidade e as ideias morais e proibições éticas do cristianismo. Foucault fala do poder pastoral, mais especificamente do pastorado como uma categoria existente dentro da sociedade, formada por

[...] indivíduos totalmente específicos e singulares, que não se definiam inteiramente por seu *status*, sua profissão nem por sua qualificação individual, intelectual ou moral, mas indivíduos que desempenhavam, na sociedade cristã, o papel de condutores, de pastores em relação aos outros indivíduos que são como suas ovelhas ou o seu rebanho.¹³⁰

Para Foucault, esse tipo de poder, um tipo de dependência, de dominação no interior da sociedade romana foi muito importante e, acrescenta-se, continua sendo na comunidade cristã. Porém, é um poder diferente daquele de domínio sobre um território.

O poder pastoral não tem por função principal fazer mal aos inimigos; sua principal função é fazer o bem em relação àqueles de que cuida. Fazer o bem no sentido mais material do termo significa alimentá-lo, garantir sua subsistência, oferecer-lhe um pasto, conduzi-lo às fontes, permitir-lhe beber, encontrar boas pradarias. Consequentemente, o poder pastoral é um poder que garante ao mesmo tempo a subsistência dos indivíduos e a subsistência do grupo, diferentemente do poder tradicional, que se manifesta essencialmente pelo triunfo sobre os dominados. Não é um poder triunfante, mas um poder benfazejo.¹³¹

Esse poder pastoral acaba sendo uma incumbência.¹³² É um poder individualista, no sentido de

[...] cuidar dos indivíduos em particular, dos indivíduos tomados um a um. Não se trata de um poder global. É evidente que o pastor deve garantir a salvação do rebanho, porém deve garantir a salvação de todos os

¹²⁹ BOBSIN, 2000, p. 31.

¹³⁰ FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política*. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2006. p. 65.

¹³¹ FOUCAULT, 2006, p. 65.

¹³² FOUCAULT, 2006, p. 66.

indivíduos. [...] Portanto, um poder que atua sobre uma multiplicidade [...], poder oblativo, poder sacrificial, poder individualista.¹³³

Para exercer esse pastorado, o pastor “[...] deve também conhecer o interior do que se passa na alma, no coração, no mais profundo dos segredos do indivíduo. Esse conhecimento da interioridade dos indivíduos é absolutamente exigido para o exercício do pastorado cristão.”¹³⁴ Isso significa ter responsabilidade para com a sua comunidade, o seu rebanho e, conseqüentemente, para com a evangelização, uma vez que “no cristianismo, o mérito absoluto é precisamente ser obediente.”¹³⁵

3.2 O SAGRADO ENTRE A GLOBALIZAÇÃO E A ÉTICA

Compreender (se for possível) o sagrado na Assembleia de Deus (ou em quaisquer outras denominações) permite compreender o trabalho da evangelização e a experiência com o Numinoso através do batismo com o Espírito Santo. A partir de Rudolf Otto¹³⁶, o Sagrado é a designação para a experiência do Numinoso. A narrativa de Otto sobre como reagem as pessoas diante do Sagrado é muito pertinente para o batismo com o Espírito Santo na Assembleia de Deus. Como reagem as pessoas diante do Sagrado que se manifesta no batismo do Espírito Santo?

Bobsin, a respeito da obra de Otto, destaca que “[...] a ausência dos elementos racionais dilui o sagrado num misticismo exacerbado. Por essas razões, Otto realça o sagrado como categoria composta [pelo irracional e racional].”¹³⁷ Walter Schlupp, tradutor da obra, elaborou um glossário para melhor compreender a obra com a justificativa no próprio autor traduzido, de que a categoria do sagrado foge ao acesso racional, da apreensão conceitual, isto porque ele fala sobre algo que nem se pode falar: “quem dirá traduzir”, ironiza Schlupp.¹³⁸

¹³³ FOUCAULT, 2006, p. 66.

¹³⁴ FOUCAULT, 2006, p. 69.

¹³⁵ FOUCAULT, 2006, p. 69.

¹³⁶ OTTO, Rudolf. *O Sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2011.

¹³⁷ BOBSIN, Oneide. Prefácio à edição brasileira. OTTO, Rudolf. *O Sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, p. 19-22, 2011. p. 22.

¹³⁸ SCHLUPP, Walter O. Glossário. OTTO, Rudolf. *O Sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, p. 23-31, 2011. p. 23.

No entanto, o sentimento de criatura, aquele “[...] que afunda e desvanece em sua nulidade perante o que está acima de toda criatura”¹³⁹, surge quando se vivencia a presença do numinoso.¹⁴⁰ Com isso, o que se pretende dizer é que não se pode explicar/conceituar esse sentimento de espiritualidade uma vez que se trata do arrepiante/*tremendum*, avassalador/*majestas*, energético e misterioso, ou seja, algo que provoca temor, que domina, que excita que é totalmente outro/incompreensível e inconcebível.¹⁴¹

Para esclarecer a natureza do sentimento numinoso convém lembrar como ele se exprime exteriormente, como é comunicado e transmitido de uma psique para outra. A rigor, nem é possível “transmiti-lo”, uma vez que nem é “ensinável”, mas apenas despertável a partir do “espírito.”¹⁴²

A palavra fica sem efeito se não tiver o receptivo “espírito no coração.” Assim, a palavra – o conceito – só terá algum sentido com “quem lê as Escrituras ‘no espírito’ [...]”¹⁴³ Otto explica, a partir de João 4.24 (“Deus é espírito, e é necessário que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade”), que Deus é espírito, *pneuma*, “[...] naquilo que está totalmente contraposto a todo ‘mundo’, toda ‘carne’ [...]”¹⁴⁴ É o totalmente enigmático e misterioso, acima de qualquer razão ou racionalidade. Complementa ainda com João 3.8: “O vento sopra onde quer. Você o escuta, mas não pode dizer de onde vem nem para onde vai. Assim acontece com todos os nascidos do Espírito.”

A pergunta que surge é como esse sentimento de criatura, que surge da experiência da vivência com o Numinoso, é recebido em tempos de globalização, de modernidade líquida?

Essa indagação leva à reflexão de que conceituar algo, ou “enquadrar”, na contemporaneidade e, especificamente no que diz respeito à religião, cada vez mais perde a razão de ser, ou melhor, perde lugar para a experiência e a vivência. Bauman menciona que:

¹³⁹ OTTO, 2011, p. 41.

¹⁴⁰ OTTO, 2011, p. 42.

¹⁴¹ Essa foi uma tentativa de condensar o pensamento de Otto acerca do Numinoso; no entanto, é uma percepção que acaba sendo própria, imperfeita, uma vez que se trata de algo que não pode ser conceituado, conforme reiteradamente enfatiza o autor em questão. (OTTO, 2011, p. 45-63).

¹⁴² OTTO, 2011, p. 100.

¹⁴³ OTTO, 2011, p. 101.

¹⁴⁴ OTTO, 2011, p. 130.

A religião pertence a uma família de curiosos e às vezes embaraçantes conceitos que a gente compreende perfeitamente até querer defini-los. O espírito pós-moderno, desta vez, concorda em suprir essa família, maltratada ou condenada à deportação pela razão científica, de uma permanente licença de residência. O espírito pós-moderno, mais tolerante (visto que mais consciente de sua própria fraqueza) do que se antecessor e crítico moderno, está sensatamente consciente da tendência das definições a esconder tanto quanto revelam e mutilar, ofuscar enquanto aparentam esclarecer e desenredar.¹⁴⁵

Assim, definir - ou classificar – dá lugar à vivência e à experiência, assim como Otto mencionou a respeito do Numinoso, do Sagrado, de que não há como defini-lo ou conceituá-lo. Bauman segue a linha e defende ainda que nessa era pós-moderna

[...] a experiência transborda das gaiolas verbais em que desejaríamos retê-la, de que há coisas sobre as quais devemos silenciar, uma vez que não podemos falar delas, e de que o inefável é uma parte tão integral da maneira humana de estar no mundo enquanto a rede linguística com que tentamos [...] captá-lo.¹⁴⁶

A evangelização se dá de forma oral ou escrita, ou seja, através de palavras. Falar ou escrever a respeito das Boas Novas significa interpretar e explicar. Não há como fugir disso. No entanto, a evangelização deve levar à possibilidade da experiência com o Sagrado. De certa forma, o batismo do Espírito Santo leva a essa experiência e passa a fazer com que o indivíduo tenha vivência com o Sagrado. Esta experiência religiosa não é possível de ter uma “definição racional.” Bauman, ao refletir sobre o Sagrado em Rudolf Otto aponta para essa ideia.

Podemos apenas tentar aproximar-nos dela em nossas descrições, apesar da necessidade de lembrar o tempo todo que de sua complexidade realmente não nos podemos apossar [...]. As imagens dessa experiência não podem ser "ensinadas", só "evocadas." [...] A ausência de coerência lógica estrutural equipara-se à ausência de lógica do comportamento que provoca. O *mysterium tremendum* é, ao mesmo tempo, "aterrorizante" e "fascinante" - combinando-se essas duas qualidades "na estranha harmonia dos contrastes e no resultante caráter duplo da consciência espiritual" que reúne o que não se pode racionalmente ligar um ao outro: "o terror e pavor", de um lado, e o "poderoso fascínio", do outro [...].¹⁴⁷

Importante enfatizar a afirmativa da ausência de coerência lógica estrutural equiparada à ausência da lógica do comportamento que provoca, ou seja, a

¹⁴⁵ BAUMAN, 1998, p. 205.

¹⁴⁶ BAUMAN, 1998, p. 205.

¹⁴⁷ BAUMAN, 1998, p. 263.

ausência de lógica na relação com o Sagrado. Essa concepção ganha mais força na modernidade contemporânea.

E quando se relaciona o Sagrado com o profano, ou seja, sobre a aproximação do Sagrado com o profano, Robbins defende que

[...] as formas carismática e pentecostal de cristianismo vêm sendo, nas últimas décadas, um dos casos mais bem-sucedidos de globalização cultural. Tipos de cristianismo focados na acessibilidade dos dons do Espírito Santo a todos os crentes contemporâneos, elas se espalharam rapidamente em todo o mundo desde o nascimento do pentecostalismo, nos primeiros anos do século XX.¹⁴⁸

Na concepção de Robbins, assim como a globalização separa os lugares (periferia de grandes centros de poder), o pentecostalismo o faz em relação à vida na terra e ao lugar Sagrado, ou seja, a separação entre o transcendente e o mundano. Para Robbins, o significado de globalização para os pentecostais

[...] tem sido o de passarem a ver a si próprios como não mais vivendo em um lugar central, ou dotado de poder. Entre eles, há uma profunda sensação de que o verdadeiro poder, o sucesso econômico e a saúde estão alhures. As pessoas, onde quer que faça sentido falar em globalização, vieram a reconhecer alguma versão de uma hierarquia global de lugares e, [...], aqueles mais valorizados — em que o trabalho é abundante, em que alimentos, abrigo e remédios são fáceis de adquirir — são longínquos e diferentes de casa, em grau máximo.¹⁴⁹

Para “unir” ou aproximar essa disjunção do céu e da terra, Robbins teoriza que o Espírito Santo surge como mediador,

[...] que pode preencher as pessoas na Terra do poder celestial de Deus, para permitir-lhes, entre outras coisas, falar línguas, curar, profetizar, levar uma vida moral e trazer outros para a fé. O Espírito Santo [...] não dá às pessoas a capacidade de criar o céu na Terra, ele apenas as ajuda a lidar com alguns dos problemas deste mundo e a cultivar a forte crença e a retidão de comportamento, dos quais elas precisarão dar mostras se quiserem estar entre os salvos quando vier o milênio.¹⁵⁰

Robbins ressalta, no entanto, que não está comparando o céu com os grandes centros urbanos, que pareça uma cidade global. Defende que:

¹⁴⁸ ROBBINS, Joel. Sobre alteridade e o sagrado em uma época de globalização: o "trans" em "transnacional" é o mesmo "trans" de "transcendente"? *Mana*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 119-139, Apr. 2008. p. 126. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132008000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 12 Nov. 2016.

¹⁴⁹ ROBBINS, 2008, p. 128.

¹⁵⁰ ROBBINS, 2008, p. 128.

[...] para as pessoas das periferias, a cosmologia pentecostal e carismática é boa para pensar, por espelhar estruturalmente o modelo global com o qual elas cada vez mais passam a interpretar suas vidas. Ela fornece um idioma com o qual se pode discutir de modo significativo sobre o que é viver longe dos centros últimos do poder, do sentido e do bem-estar no mundo. Mas além de ser, digamos assim, boa para pensar, essa cosmologia também é boa para viver, e de um modo que com frequência não é como o do mapa social da globalização. É boa para viver porque sugere às pessoas que se vêem como periféricas no mapa social, maneiras de conduzirem vidas que ainda tenham, em última instância, valor, porque empreendidas em preparação para o céu. [...] Diferentemente da globalização — que tão frequentemente exige das pessoas que querem vir para o centro transformações através de experiências de educação e de trabalho que elas não têm condições de obter — os cristianismos pentecostal e carismático oferecem planos exequíveis para que as pessoas possam viver em busca do seu objetivo de alcançar o céu. A cosmologia lhes fornece meios de pensar em suas práticas de construção da vida como voltadas para algo de grande valor, ainda que não sejam capazes de dispor, para tal tarefa, dos recursos do centro.¹⁵¹

Essa, talvez, tem sido a crítica em relação ao pentecostalismo e a sua forma de evangelização, ao se utilizar¹⁵² das consequências da globalização para a evangelização.

Portanto, pode-se afirmar que a evangelização na era da globalização é mediada pela ação do Espírito Santo para o pentecostalismo. Ao assumir esse caráter de evangelização acaba por firmar sua postura ética evangelizadora, ou seja, seu modo de ser e agir através do Espírito Santo.

3.3 ÉTICA: FAZER O CERTO PELO MOTIVO CERTO

Na reflexão de Roberto Romano, o apelo à ética faz-se com vistas à justiça e aos direitos humanos. “A ética, entre nós, evoca justiça e direito, sobretudo o direito à vida.”¹⁵³ Por outro lado, o princípio básico deveria ser aquele elaborado por Immanuel Kant, do imperativo categórico, segundo o qual uma ação deve ser feita pelo simples fato de que se deve fazer, não buscando algo em troca. Ao se se

¹⁵¹ ROBBINS, 2008, p. 129-130.

¹⁵² E não de “se aproveitar” no sentido negativo da palavra, de “abusar da ingenuidade ou da condescendência de (alguém) para conseguir seus objetivos [...]. prevalecer-se de situação privilegiada para ensaiar ou consumir atos libidinosos.” HOUAISS ELETRÔNICO. São Paulo: Objetiva, 2009. Aqui se reporta ao poder que possui o pastor mencionado anteriormente.

¹⁵³ ROMANO, Roberto. As faces da ética. In: MIRANDA, Danilo Santos de (Org.). *Ética e cultura*. São Paulo: Perspectiva; São Paulo: SESC, 2004. p. 39.

buscar algo em troca, se está fazendo na busca por algum benefício. Kant defendeu fazer somente aquelas coisas que se quisessem ser universais.¹⁵⁴

Kant parte da premissa que o que importa é o motivo. Kant rejeita a maximização do bem-estar e a valorização da virtude humana, e defende a associação da justiça e da moralidade à liberdade, segundo Sandel.¹⁵⁵ Mas, “a concepção de liberdade que ele defende vai muito além da liberdade de escolha que praticamos quando compramos ou vendemos mercadorias no mercado.”¹⁵⁶

Pelo princípio de Kant, quando o ser humano age buscando o prazer e evitando a dor, na verdade o faz devido aos apetites ou desejos, e não pela liberdade. A escolha que se faz livremente é aquela que escolhe as melhores formas para atingir determinado fim: é escolher o fim em si. Assim, não importam as consequências, mas o fim em si. No caso do valor moral é a mesma coisa, não importando as consequências: o valor moral consiste na intenção com a qual a ação é realizada. Trata-se de fazer a coisa certa pelo motivo certo. “O motivo que confere o valor moral a uma ação é o dever, o que para Kant é fazer a coisa certa pelo motivo certo.”¹⁵⁷

Para Kant, apenas as ações motivadas pelo dever é que têm valor moral. Assim, pergunta Sandel, em que consiste o dever? Destaca que ao se compreender isso se estará compreendendo o princípio supremo da moralidade e aponta três conceitos que são fundamentais para essa compreensão: moralidade (dever versus inclinação), liberdade (autonomia versus heteronomia – determinada por força externa) e razão (imperativos categóricos – quando a coisa é boa por si só - versus imperativos hipotéticos – se a coisa for boa apenas para atingir algo). Assim, agir moralmente significa agir pela lei moral, pelo fim em si mesmo, que é o imperativo categórico.¹⁵⁸

No entanto, uma ética não surge de repente, ela “[...] vai-se sedimentando na memória e na inteligência das pessoas, irradiando-se em atos, sem muitos esforços de reflexão. A ética é o que se tornou quase uma segunda natureza das pessoas, de

¹⁵⁴ CHAMPLIN, Russell Norman; BENTES, João M. *Enciclopédia de Bíblia: teologia e filosofia*. vol. 2. São Paulo: Candeia, 1997. p. 571.

¹⁵⁵ SANDEL, Michael J. *Justiça: o que é fazer a coisa certa*. 17. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

¹⁵⁶ SANDEL, 2015, p. 138.

¹⁵⁷ SANDEL, 2015, p. 144.

¹⁵⁸ SANDEL, 2015.

modo que seus valores são assumidos automaticamente e sem crítica.”¹⁵⁹ Ou seja, é algo que passa a fazer parte do ser humano, assim como se fosse um membro do corpo.

Por isso, refletir acerca da ética na contemporaneidade é um exercício ainda necessário, de forma constante, a fim de compreender a sociedade e as suas diferenças. A justificativa se dá devido ao multiculturalismo destes tempos. E, nesse sentido, Valcárcel faz uma importante anotação:

[...] o multiculturalismo contemporâneo não deve ser confundido com relativismo cultural que nos tem acompanhado há décadas. O relativismo pertence ao paradigma da tolerância, ao passo que o multiculturalismo provém do elogio à diferença, sob a égide do “viva ao próximo!”¹⁶⁰

A percepção da diferença se faz necessária nas diversas esferas da vida, seja em relação à etnia ou ao gênero e, claro, à crença. Interessante observar que a tolerância, inicialmente, foi entendida (e de certa forma ainda é) como norma ou princípio da liberdade religiosa.

Algumas vezes se considerou pouco apta a designar esse princípio uma palavra que significa “paciência”, mas na realidade ela foi o emblema dessa liberdade, desde as primeiras lutas empreendidas, por meio das quais se afirmou em formas ainda hoje frágeis ou incompletas.¹⁶¹

Na atualidade não se trata de ter paciência, mas de simplesmente enxergar no outro a diferença e não questioná-la, se é correta, se possui alguma verdade ou não. Em sentido mais amplo, a tolerância foi ampliada para qualquer tipo de liberdade, moral, social e política.¹⁶² No entanto, Herbert Marcuse apontou para algo que vem a ser fundamental para a atualidade:

Marcuse afirmou que, embora a Tolerância indiscriminada se justifique nos debates inócuos e nas discussões acadêmicas, sendo indispensável na religião e na ciência, não pode ser admitida quando estão em jogo a paz, a liberdade e a felicidade da existência, porque nesse caso equivaleria à repressão de todos os fatores de inovação da realidade social.¹⁶³

¹⁵⁹ ROMANO, 2004, p. 41.

¹⁶⁰ VALCÁRCEL, Améli. Ética, um valor fundamental. In: MIRANDA, Danilo Santos de (Org.). *Ética e cultura*. São Paulo: Perspectiva; São Paulo: SESC, 2004. p. 18-19.

¹⁶¹ ABBAGNANO, 2007, p. 961.

¹⁶² ABBAGNANO, 2007, p. 962.

¹⁶³ ABBAGNANO, 2007, p. 962.

Nesse sentido, ao partir do princípio do multiculturalismo, do elogio à diferença, a paz não corre risco, nem a felicidade e nem a liberdade. Ao elogiar a diferença se está invocando a alteridade, uma vez que esta significa “Ser outro, colocar-se ou constituir-se como outro.”¹⁶⁴ Porém, não significa recolher-se à indiferença, no sentido de não querer argumentar para não constituir divergência. A divergência deve ser admitida “[...] no próprio seio da diferença invocada.”¹⁶⁵

Ortega, ao dissertar sobre uma ética e uma política da amizade, menciona que o declínio do homem se caracteriza na sociedade contemporânea pela tirania da intimidade, “[...] a qual se exprime numa vida pessoal desequilibrada e numa esfera pública esvaziada.”¹⁶⁶ Essa tirania da intimidade não permite o cultivo da amizade, uma vez que a amizade “[...] é o espaço entre os indivíduos, do mundo compartilhado – espaço da liberdade e do risco –, das ruas, das praças, dos passeios, dos teatros, dos cafés, e não o espaço dos nossos condomínios fechados e nossos *shoppings-centers*, meras próteses que prolongam a segurança do lar.”¹⁶⁷

Com essa reflexão, Ortega acaba por ratificar aquilo que Castells mencionou sobre a fragilização da família e, conseqüentemente, do ser humano. A família estruturada dá lugar ao desconhecido, a relações sociais que ignoram o espaço público e o contato pessoal. Assim, ainda que a igreja também se utilize dos novos espaços – e das novas tecnologias – não pode abster-se dos vínculos pessoais.

No que tange à evangelização, a ética se encaixa nesta reflexão sob um duplo ponto de vista: na realização ética da evangelização por parte da igreja (enxergando o outro dentro da sua comunidade de fé) e na aceitação ética das múltiplas formas de vivência do Sagrado (enxergando o outro fora da sua comunidade de fé). A pergunta que surge é como a experiência da vivência com o Numinoso é recebida em tempos de globalização, de modernidade líquida.

Segundo Boff:

¹⁶⁴ ABBAGNANO, 2007, p. 34.

¹⁶⁵ VALCÁRCEL, 2004, p. 33.

¹⁶⁶ ORTEGA, Francisco. Por uma ética e uma política da amizade. In: MIRANDA, Danilo Santos de (Org.). *Ética e cultura*. São Paulo: Perspectiva; São Paulo: SESC, 2004. p. 145.

¹⁶⁷ ORTEGA, 2004, p. 155-156.

[...] vivemos hoje grave crise mundial de valores. E difícil para a grande maioria de a humanidade saber o que é correto e o que não é. Esse obscurecimento do horizonte ético redundando numa insegurança muito grande na vida e numa permanente tensão nas relações sociais que tendem a se organizar ao redor de interesses particulares do que ao redor do direito e justiça. Tal fato se agrava ainda mais por causa da própria dominante de economia e do mercado que rege pela competição, que cria oposições e exclusões, e não pela cooperação que harmoniza e inclui.¹⁶⁸

É nesse contexto que a ética cristã se faz importante. De acordo com Ruben Ferreira Maria,

A ética cristã está alicerçada na ética: *teocêntrica* (revelação de Deus e sua aspiração [Mq 6.8]); *cristã* (condicionada a Cristo Jesus [Ef 4.1113]); *evangélica* (as atitudes, o caráter do cristão revela ao seu semelhante o que Deus fez em sua vida e o amor de Deus pelo ser humano [1Pe 3.1417]); *imutável* (princípios morais estabelecidos por Deus nas Escrituras Sagradas [1Jo 3.4]); *absoluta* (todos os indivíduos estão debaixo dos mandamentos de Deus, e a quebra desta lei se constitui em transgressão, resultados em pecado [1Jo 3.4]); *abrangente* (inexiste uma área da vida humana para qual Deus não tenha determinado suas normas, na vida: pessoal, na igreja, em família, profissional, em todas ações espirituais e seculares [Cl 3.516;1825]). Certamente também podemos definir ética cristã como os princípios que são dimanados da fé cristã e pelos quais obramos.¹⁶⁹

A ética cristã tem um comprometimento de cultivar o bem-estar dos indivíduos. A práxis da ética cristã é constituída a partir de Jesus Cristo, aquele que proclamou as Boas Novas. Viver o Evangelho é viver a práxis ética de Jesus Cristo. Faz-se necessário debater a vivência do Evangelho nessa sociedade fragmentada, com múltiplas ofertas, como bem mostra Guimarães Rosa no romance *Grande Sertão: Veredas*:

Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só, para mim é pouca, talvez nem chegue [...]. Tudo me inquieta, me suspende. Qualquer sobrinha me refresca.¹⁷⁰

Leonardo Boff menciona que o povo brasileiro é místico e religioso,¹⁷¹ o que possibilita a prática religiosa de vários cultos. O ser humano busca conforto e alívio. Cercado da variedade de ofertas, a proclamação do Evangelho para vivê-lo em sua

¹⁶⁸ BOFF, Leonardo. *Ética e moral: a busca dos fundamentos*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 27.

¹⁶⁹ MARIA, 2012, p. 28-29.

¹⁷⁰ ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro; José Olympio, 1967. p. 15.

¹⁷¹ BOFF, Leonardo. *Depois de 500 anos que o Brasil queremos?* Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 100.

essência (o evangelismo) se mostra importante. Porém, uma proclamação ética para não ser apenas mais uma entre tantas ofertas.

CONCLUSÃO

A liquidez da sociedade, seja nas relações entre as pessoas, nos valores ou mesmo nas crenças, é uma realidade. Os indivíduos são caracterizados pela fragilidade, acometidos pela crise de identidade, diante das incertezas produzidas pelo próprio ser humano. Há a necessidade de uma mudança de atitude.

Também a própria igreja, seja da religião que for, também sofre com tais “intempéries.” A evangelização é uma forma de trazer a bonança. No entanto, pode vir a se tornar uma tempestade ainda maior e causar sérios danos à sociedade quando não for realizada de forma genuinamente cristã, a partir de princípios éticos (cristãos).

Há sim certa discussão entre as religiões, cada qual reivindicando para si a forma correta de evangelização. Esse já é um indicativo do não aceite do multiculturalismo religioso, ou seja, da aceitação da diferença. Assim, o primeiro passo para uma “reversão” do *status quo* da sociedade através da atuação da igreja passa pelo entendimento entre elas mesmas.

No primeiro capítulo buscou-se um pouco da história da Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Brasil, com Daniel Berg e Gunnar Vingren, ressaltando o trabalho missionário e o seu crescimento a partir da evangelização de forma pessoal. Destacou-se a Assembleia de Deus no Amazonas que nunca abandonou a tradição e continua pregando a ação do Espírito Santo, seja nas celebrações em comunidade no contato direto (no culto, nas células de evangelismo e crescimento, etc.), ou se utilizando das novas tecnologias em comunicação, sempre com o objetivo de levar a mensagem de acordo com a ordem de Jesus Cristo.

A Assembleia de Deus parte do princípio de que o Evangelho no Novo Testamento são as Boas Novas de Cristo e a evangelização é tarefa das igrejas cristãs, conforme o mandato missionário de Jesus: “Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado.” (Mt 28, 19-20).

No segundo capítulo refletiu-se sobre a evangelização na contemporaneidade, com o foco na evangelização realizada pela Assembleia de Deus. Destacou-se a missão, no contexto cristão, entendida com o objetivo de redimir o mundo, através da obra evangelizadora, sob a ação do Espírito Santo.

Todos são convidados a participar dessa missão. Uma vez batizados a força santificadora do Espírito impele a evangelizar. O batismo nos torna discípulos e, por consequência, evangelizadores. E procura fazer a Assembleia de Deus.

Exposta dessa forma, a ação da evangelização é consequência natural do batismo. A vivência do Evangelho leva, assim, ao exercício pelo dos ensinamentos de Jesus Cristo. No entanto, somos seres humanos. e assim como todos os anos, meses, dias, horas e minutos lembramos reiteradamente das Boas Novas, não podemos ignorar nossa condição humana. Por isso, há a necessidade de refletir sobre a ética na evangelização.

Por fim, destacou-se a evangelização, a sua *praxis*, considerando a necessidade da ação ética diante da modernidade e do multiculturalismo. A ética na evangelização é mais do que necessária na contemporaneidade, uma vez que a chamada globalização incentiva o profano contra o sagrado, o individual contra o comunitário. A modernidade e seus “atrativos” incita para esse novo modo de ser e viver, no consumismo e no vazio existencial e, por consequência, espiritual.

É nesse contexto que a igreja tem a obrigação social e, principalmente, cristã, de se inserir e atuar. Pode sim apropriar-se das ferramentas geradas pela própria modernidade para alcançar a linguagem e os meios utilizados pelos indivíduos sem perder a tradição e os valores cristãos ensinados nos Evangelhos.

Para isso, é necessária a reflexão constante. A reflexão na universidade também se mostra importante e não é demérito ou afronta à tradição. Reitera-se que é a necessidade para enfrentar os novos tempos, quando a comunicação e a disseminação de conhecimentos se dão de forma mais rápida.

A igreja sempre teve a responsabilidade diante dos problemas da sociedade. Sempre foi palavra de consolo, de esperança, de mediação com o Sagrado, enfim, carregada de um poder cujo objetivo é fazer o bem e não dominar. Como bem observou Leonardo Boff, o povo brasileiro é místico e religioso, com práticas religiosas de vários cultos, na busca de conforto e alívio. Cabe a cada denominação o agir ético, com respeito ao multiculturalismo.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. *Ética pós-moderna*. São Paulo: Paulus, 1997.

_____. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2001.

_____. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BERG, Daniel. *Enviado por Deus: memórias de Daniel Berg*. Rio de Janeiro: CPAD, 1973.

BERGER, Alfonso José; CARDOZO, Carlos E. Pós-modernidade e formação inicial: desafios e oportunidades. *Horizonte Teológico*, Belo Horizonte, v.14, n.27, p.52-79, jan./jun. 2015.

BOASNOVASTV. Institucional. Disponível em: <http://boasnovas.tv/institucional/>. Acesso em: 15 jul. 2016.

BOBSIN, Oneide. Prefácio à edição brasileira. OTTO, Rudolf. *O Sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, p. 19-22, 2011.

_____. Tendências religiosas e transversalidade: hipóteses sobre a transgressão de fronteiras. In: ALTMAN, Walter; ALTMANN, Lori. *Globalização e religião: desafios da fé*. São Leopoldo: CECA, 2000.

BOFF, Leonardo. *Depois de 500 anos que o Brasil queremos?* Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

_____. *Ética e moral: a busca dos fundamentos*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

BORTOLLETO FILHO, Fernando. Horizontes e dilemas da formação teológica protestante no contexto brasileiro hoje. in: HOCH, Lothar Carlos; STRÖHER, Marga Janete; WACHHOLZ, Wilhelm. *Estações da formação teológica: 60 anos de história da EST*. São Leopoldo: Sinodal/Faculdades EST, 2008.

BRENDA, Albert W. *Ouvi um recado do céu: biografia de J. P. Kolenda*. Rio de Janeiro: CPAD, 1984. p. 8.

CÂMARA, Samuel. Vinte anos depois... *O Liberal*, Belém, 16 de março de 2013, ano 63, n. 33.870, p. 6. Disponível em: <https://oliberaldigital.files.wordpress.com/2013/03/20130316.pdf>. Acesso em 30 jul. 2016.

CARVALHO, Israel da Costa. *Mídias sociais: um espaço para a evangelização utilizado pela Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Amazonas*. Dissertação (de mestrado). 2016. São Leopoldo: Faculdades EST, 2016.

CASTELLS, Manuel. *A era da informação: Economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, vol. 2, 1999.

_____. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. *Problemas de investigação em sociologia urbana*. São Paulo: Martins Fontes, 1975.

CEADAM. *Sobre*. Disponível em: <http://ieadam.com.br/ceadam/sobre/>. Acesso em 15 jul. 2016.

CEC. *Mensagens*. Disponível em: <http://ieadam.com.br/blog/mensagens/celulas-de-evangelismo-e-crescimento-cec/>. Acesso em 15 jul. 2016.

CHAMPLIN, Russell Norman; BENTES, João M. *Enciclopédia de Bíblia: teologia e filosofia*. vol. 2. São Paulo: Candeia, 1997a.

_____. *Enciclopédia de Bíblia: teologia e filosofia*. vol. 4. São Paulo: Candeia, 1997b.

CONDE, Emílio. *História das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 1960.

CORRÊA NETO, Sebastião. Evangelização das juventudes: acompanhamento e cuidado. *Horizonte Teológico*, Belo Horizonte, v.14, n.27, p.91-109, jan./jun. 2015.

CORREA, Marina Aparecida Oliveira dos Santos. *A Operação do Carisma e o Exercício do Poder: a lógica dos ministérios das igrejas Assembleias de Deus no Brasil*. (tese de doutorado). São Paulo: PUC, 2012.

CUNHA, Magali do Nascimento. *Explosão Gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad X; Instituto Mysterium, 2007.

FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política*. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2006.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. 2013. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em 10 set. 2016.

GANDRA, Valdinei Ramos; WESTPHAL, Euler Renato. Assembleia de Deus: Questões identitárias na criação do Centro de Estudos do Movimento Pentecostal – CEMP. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 53, n. 2, p. 268-281 jul./dez. 2013. p. 279.

HOUAISS ELETRÔNICO. São Paulo: Objetiva, 2009. Aqui se reporta ao poder que possui o pastor mencionado anteriormente.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

IEADAM. Ministério. *Sobre*. Disponível em: <http://ieadam.com.br/mbn/sobre/>. Acesso em 15 jul. 2016.

_____. Missões, *Quem somos*. Disponível em: <http://ieadam.com.br/vimadam/sobre/>. Acesso em 15 jul. 2016.

_____. *Nossa História*. Disponível em: <http://ieadam.com.br/nossa-historia/>. Acesso em 15 jul. 2016. As informações a seguir constam no mesmo site da IEADAM.

MARASCHIN, Jaci C. *Imagens da Assembleia de Deus*. São Paulo: Instituto Metodista de Ensino Superior, 1985. (Cadernos de Pós-Graduação / Ciências da Religião no. 4).

MARIA, Ruben Ferreira. *Evangelização ou mercantilização da fé? Cotejamentos entre sagrado, fé, ética e igreja na modernidade a partir dos estudos sobre a evangelização através do uso da mídia*. (Dissertação de Mestrado) 2012. São Leopoldo: EST/PPG, 2012.

MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. *Estud. av.*, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 121-138, Dec. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 26 out. 2016.

MARTINEZ, João Flávio. Análise das Igrejas Evangélicas no Brasil, CACP, Ministério Apologético, São José do Rio Preto, 16 setembro 2013. s/p. Disponível em: <http://www.cacp.org.br/analise-das-igrejas-evangelicas-no-brasil/>. Acesso em 30 ago. 2016.

MATOS, Alderi Souza de. O movimento pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário. *Fides Reformata*, São Paulo, ano XI, n. 2, p. 23-50, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

ORTEGA, Francisco. Por uma ética e uma política da amizade. In: MIRANDA, Danilo Santos de (Org.). *Ética e cultura*. São Paulo: Perspectiva; São Paulo: SESC, 2004.

OTTO, Rudolf. *O Sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2011.

POMMERENING, Claiton Ivan. Oralidade e escrita na teologia pentecostal: acertos, riscos e possibilidades. *Protestantismo em revista*, São Leopoldo, Faculdades EST, v. 24, jan.-abr., p. 117-133, 2011.

ROBBINS, Joel. Sobre alteridade e o sagrado em uma época de globalização: o "trans" em "transnacional" é o mesmo "trans" de "transcendente"? *Mana*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 119-139, Apr. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132008000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 12 nov. 2016.

ROLIM, Francisco. *Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1985.

ROMANO, Roberto. As faces da ética. In: MIRANDA, Danilo Santos de (Org.). *Ética e cultura*. São Paulo: Perspectiva; São Paulo: SESC, 2004.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro; José Olympio, 1967.

SANDEL, Michael J. *Justiça: o que é fazer a coisa certa*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. *As religiões ontem e hoje*. São Paulo: Paulinas, 1982.

SCHLUPP, Walter O. Glossário. OTTO, Rudolf. *O Sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, p. 23-31, 2011.

SOUSA, Bertone de Oliveira. A Expansão da Assembleia de Deus em Imperatriz-MA: História e Constituição Identitária. *II Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em História*, Goiás, UFG, UCG, 14 a 16 de set. 2009. Disponível em: https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/IISPHist09_Bertonedeousa.pdf. Acesso em 15 out. 2016.

SUESS, Paulo. *Dicionário da exortação Evangelii Gaudium: 50 palavras-chave para uma leitura pastoral da exortação apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulus, 2015.

VALCÁRCEL, Améli. Ética, um valor fundamental. In: MIRANDA, Danilo Santos de (Org.). *Ética e cultura*. São Paulo: Perspectiva; São Paulo: SESC, 2004.

WEBER, T. P. Evangelização. In: ELWELL, Walter A. *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*. vol. 2. São Paulo: Vida Nova, 1990.

WIKIPÉDIA. *Boas Novas*. Wikipédia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Boas_Novas#Desrespeito_aos_direitos_trabalhistas. Acesso em 21 ago. 2016.